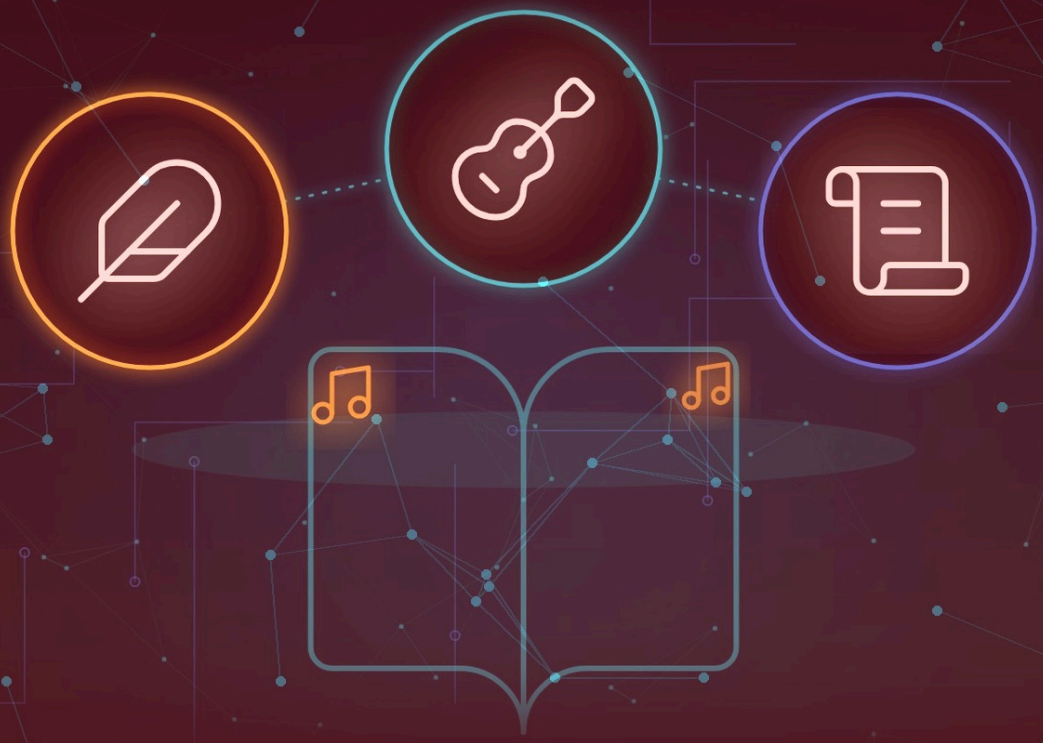
COLETÂNEA

VERSOS E PROSAS



Poesias, letras de música e prosas

Do caderno dos anos 1960 às canções
de Transgredindo e Transgredindo II

BELISÁRIO RETTO DE ABREU

Novembro de 2026

Versos e prosas — coletânea

BELISÁRIO RETTO DE ABREU

Novembro de 2026

As músicas da banda Multiverso Digital são feitas com inteligência artificial,
a partir das minhas letras. Também publicado em multiversodigital.com.br/Biografia

Sumário

1. Poesias antigas
    1. Razão
    2. Ausência Morta!
    3. Conversa
    4. Desalento
    5. Estudantes
    6. Lixo
    7. Mumunhas
    8. Jornal NaHora
    9. O Cais
    10. Pensamentos
    11. Peregrino
    12. Regina
    13. Salada
    14. Tímido poeta
    15. Viola
    16. Inventor
2. Letras de Transgredindo
    1. A tela do celular
    2. A vida cobrou
    3. Abandono
    4. Acontece
    5. Acreditei Novamente
    6. Água Rasa
    7. Alguém Chegou (Fado)
    8. Alquimia
    9. Anita - Natural Beleza
    10. Apartamento
    11. Autorretrato
    12. Binário
    13. Cais
    14. Colher o azar
    15. Desilusão
    16. Escuridão
    17. Estudantes
    18. Fosseficarsao
    19. Hipocrisia Humana
    20. Indeciso
    21. Mano
    22. Marilena
    23. O absurdo virou normal
    24. O Tempo
    25. Para o meu consumo
    26. Parar o tempo
    27. Poeta
    28. Reggae Cansado
    29. Regina
    30. Rock do Vírus
    31. Vida
3. Letras de Transgredindo II
    1. A mão que eu soltei
    2. Dentro de Mim
    3. Você nem sabe
    4. Garota da chuva
    5. Gelo da Lua
    6. A caminho do êxtase
    7. Século XXI
    8. Menina
    9. Eu não posso
    10. Triste amizade

11. Paixão
12. A volta
13. Adeus
14. Você e Eu
15. Bumerangue
16. Esse país não tem jeito
17. Existência
18. Feliz Ano Igual
19. Ingratidão
20. Mesmice Humana
21. Automação
22. Família
23. CristOpera

4. Prosas

1. Há vida nas calçadas
2. Texto psicografado em 2009
3. A transitofenia

Poesias antigas

Do caderno, dos anos 1960 em diante

Razão

O que é a razão?
Segundo alguns autores a razão é polifônica (intuitiva, discursiva e etc..) e sustentada por um médoto individual de escolha.
A minha razão pode ser diferente da tua.

A razão não é um manual sistemático e frio, mas um percurso onde a exposição do pensamento de alguém se faz pela própria experiência pensante de quem argumenta.
A razão é momentânea e passageira: é o objeto da reflexão.
A razão pode ser entendida de um lado, como a internalização da vítima e do outro, como o sujeito que arbitra o
certo e o errado.
A razão tenta estabelecer a identidade do "eu" em relação a adversidade e esta, por si, impõe diversas leituras legando à razão um sentido abstrato. Neste caso, a razão é ambigüa.
Suboordinada ao abstrato, a razão perde a pureza dos encadeamentos do concretivismo.
Nesta instância, que acredito estamos inseridos, os argumentos que tentam fundamentar o pensamento surgem como ameaças. Quando você se suboordina á razão fere o princípio da identidade que é subjetiva e inalcanssável.
A razão é perambulante pois, não garante um objetivo final. Apesar da razão tentar encerrar em si " toda a verdade" mostra o quanto a presunção humana é prepotente.

Ausência Morta!

Eu, olhos de artista
que a preguiça iça...
dos teus te afasta
ausência farta
provoca na mente
esquecimento doente

A imagem jaz
no último fio
que resta
da luz que salta
por uma fresta
em desespero
num fim de festa
a íris fecha
escuridão...

Conversa

Sentado à sombra de um carvalho perguntei:
Oh, nobre criatura, porque tens vida e não me falas?

Respondeu com um enorme silêncio.

Não contente com a resposta, tentei uma outra pergunta, desta vez astuta:
Oh, nobre criatura, porque és alto e belo e não te locomoves?

Mas um enorme silêncio.

Desta vez, fulminei:

Porque me dais a sombra se em troca nada lhe dou?

Silêncio absoluto....

Ruídos, máquinas e niguém pra conversar.

Desalento

Vida!
Um desalento
Tento, agora que sou lento,
Entender, por quanto tempo,
Há de se esperar
Pelo momento

Jovem, atento
Busco no alento
Amor! e me contento
Com a dor
Do pensamento
Em ter no corpo o sustento
Que comanda o movimento
Na lista... um novo tento

Ah! febre juvenil
Que a mim, parece vil
Sentir o gozo mil
Que se ezvai
Como quem partiu

Outra, mais outra e mais outra...
E a seguir, solidão fosca
O coração afrouxa
E depois...

Outra, mais outra e mais outra....
Meu desalento é canibal,
Porque o corpo me afronta
E no prazer se amedronta
Parece um animal
Ledo engano espiritual
Onde a carne sacia
O eterno sulco vital

Sou o mesmo a cada dia
Buscando a apologia
Em Apolo que me guia
Na mais confusa ousadia

Que nos versos me traria
Conforto, prelo e alegria
Da universal mentira
De amar em confraria
Sacia corpo, Sacia
Morre como nascia
Do nada, simplesmente do nada.

Estudantes

1964

Primeira letra e música elaborada quando da edição da revolução de 64. Estava no terceiro ano do ginásio no Colégio Estadual Prof. Wolny Carvalho Ramos, Agua Rasa, SP, Capital. Havia um festival de música e ganhei, com esta canção, o primeiro prêmio.

Somos estudantes
Falados contestantes
Reformas para dar
Aos nossos governates.

Somos brasileiros
Amados companheiros
De livres pretensões
Da paz à explosões

Vejam nossa bandeira
De ordem e progresso
Desordem é besteira
Decadência não é sucesso.

Um dia a democracia virá
Verá quão olhos tem
Que o jovem que lhe diz
Amor renega também

Não tem importância não
Meu coração é o seu facão
Quando aguda em teu corpo fere
Sangue jorra irmão
E nas mãos o leito pede
Uma nova canção

Lixo

Lata vazia jazia num canto
Guardiã dos restos humanos
Solitária, aceita, ajeita os detritos
Suco do nosso suplício
Que como o tempo restrito
Passa e não percebe
Que um dia, nem lata seremos
Serenos, morreremos
Estúpidos amênos
Lixo cósmico
Apodreceremos.

O líquido preso ao fundo
Descansa
O sólido decomposto
Fede
Mistura de um dia
Que como o tempo desperdiçado
Passa e não percebe
Que um dia nem lixo seremos
Estúpidos amênos
Lixo cósmico
Apodreceremos.

Devo lavar meu tempo?
Escová-lo?
Enxugá-lo?
Passá-lo?

Tempo fétido, encardido
De ti sou adido, escravo
Não lavo não!
Me rebelo!
Quero escoá-lo
Num ralo profundo
Afogá-lo!

Tempo que impede
Interrompe e prossegue
Não pede licença
Vai adiante marca
Fere e registra

Como a amizade despista
Dele faz desculpa
-Desculpe, não deu... Não tive tempo!

Ah!, como ele é perverso
Afasta e dizima
Amigos que tive um dia
Preciosos instantes
Que só atentos
Percebem que o tempo
Distancia
A alegria, o afeto e a poesia.

Não tenho tempo....
Nem pra ausência!

Mumunhas

Música e letra elaboradas quando do início da revolução de 1964. Estava com meu tio no diretório acadêmico 11 de agosto da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Eu sei...
Que a CocaCola
a toda hora
Alegra a gente
Deixa tão, diferente

Eu sei...
Que o Ford Galaxie
É social fenomenal
Alegra a gente
É Ford Galaxie

Mas o que é que eu não sei
Se há ladrões mais espiões
Reformas mil salve o Brasil
Somos fiéis viva os quartéis
Armas na mão que confusão
Democracia que porcaria
A ditadura sem compustura
Os preços altos meu Deus que assalto
O Boi reclama da vaca que chama

Da morte do forte
Do fraco do fino
Da forca sem fio
Até os estudantes são mui varoníl
Pretendem mudar esta terra esta gente
Este nosso Brasil

Mas que confusão
Não entendo mais nada
Se alface e salada
São do mesmo padrão

Se tudo já sei
Dentre outras mumunhas mais
Prefiro saber, aquilo que sei

Dentre os restos demais...

Sou desafinado, sou desafinado

Jornal NaHora

1968

Letra e música elaborada quando diretor do Grêmio estudantil do Colégio Estadual Prof. Wolny Carvalho Ramos, Agua Rasa, SP, Capital. Comemorativa ao lançamento do jornal do Grêmio chamado "Na Hora" do qual era redator.

Opz Opz
Na Hora chegou
Quem não comprou
Frustado ficou

Opz Opz
Na Hora chegou
Quem não leu.....
Sifu.....

Comprei Na Hora
Então eu folhiei
Depois de lido
Eu assimilei

Se você não comprou
Top Top pra você viu..
Eu aproveito pra mandar você...
Comprar...

O Cais

Estou triste...
A tristeza me abala
A voz cala
O íntimo fala
Vem das entranhas
Barganhas do eu comigo
Em mim se instala
Toma posse e perpetua
Rouba o sorriso que resta
Pela aresta da aflição.

Entender eu não consigo
Digo a mim pelo postigo
Por que me abates, sem aviso?

Prossigo...
Pois o ar que fadigo
Empresto pra me velar
Velejo e não vejo
Saída pra aportar
O casco deste corpo
Que insiste em velejar.

Pensamentos

. A imbecilidade humana é infinita.

. O homem cria para a vida ser mais fácil e acaba escravo dela exatamente por ter criado.

. Se o sinal estiver vermelho, avance... senão, fatalmente você será assaltado.

. Há mais presunção no homem do que êle imagina.

. Deus deve ser a ignorância dos homens pois tudo o que não sabemos à êle delegamos.

. Atrás de um mistério existem infinitos mistérios lutando por aparecer.

. O universo é holonário (holográfico e binário). Do contrário estaria mentindo.

. Há uma enorme simplicidade nos modelos complexos.

. A complexidade é a miopia dos idiotas.

. O brilho de uma estrela morta é a mais contundente confirmação de que vivemos no passado.

. O planeta Terra é o reciclador do lixo Kósmico. Tudo que não presta no Universo vem pra Terra ser reciclado. Vide a bactéria homem.

. A holografia a que se submete o universo é composta do mesmo universo em infinitas partes. Cada parte tem o seu todo sem início e fim. Existem apenas 3 forças: A positiva, a negativa e a evolutiva. Esta última desorganiza o equilíbrio da positiva com a negativa transformando-as em um novo processo de organização(evolução) que por sua vez desencadeia este mesmo ciclo.

. O buraco negro é a passagem de um holograma ao outro.

. O mundo Macro e o Micro são idênticos. São anormalidades do sistema ótico a que estamos submetidos.

. Somente haverá vida espiritual quando entendermos as deficiências do nosso sistema ótico.

. O sistema de representatividade político do Brasil é pré-jurássico.

. O inverso da probabilidade das necessidades é demonstrado na criação de cargos políticos.

. Do jeito que as coisas vão, lá no país das maravilhas, a lei da gravidade será revogada via medida provisória. Estão querendo construir uma caixa dágua no lugar mais baixo da cidade e há o impedimento da lei da gravidade.

. É só dando que se engravida. Para receber tem que se abrir. A abertura precede o recebimento.

. Me desculpem os românticos. O céu é um inferno com milhares de explosões atômicas.

Peregrino

O mundo imundo segue crônico
Seu norte anacrônico verte fel
Na mente sigo descrente
Dele me aprisionar

À frente dois caminhos
Um em nada me dá
O outro sem destino
Me empurra pra onde? Sei lá.

O gozo desta incerteza
Está na vida a brincar
Tecendo como uma teia
Não sei onde vai me levar

Caminhos e mais angústias
Sofrer é mesmo levar
No peito tamanha amargura
Da incerteza do lugar

Inseguro sigo adiante
Ante as pedras a me driblar
Neste instante paro diante
De pessoas a me espreitar

Peregrino - Onde vaís?
Diz a voz a me indagar
O silêncio da resposta
Faz a voz sobresaltar

Peregrino - Onde vaís?
Insiste a voz a me parar
Vou ao fim deste caminho
Pro novo início começar

Por que não paras, Peregrino,
E voltas ao teu lugar?

Procuro a essência voz amiga...
Um dia hei de encontrar.

Que essência, Peregrino?
A da vida voz amiga.
Risos soltos envolvem a brisa
Que embassava aquele lugar

Está turvo voz amiga
Não consigo te olhar
A resposta Peregrino
É esta... vou te contar

A essência está na vida
De quem ela a encontrar.
Peregrino volte à lida
E comece a meditar

Obrigado voz amiga
Mas não posso parar
Perdi o caminho de volta
Como posso voltar?

A resposta está em si
E Não neste lugar
Qualquer caminho serve
Pra sua alma confortar

Medite, peregrino, medite
E pare de vez este andar
Não adianta buscar...
O que é do seu lugar

Está em si, Peregrino
Pode confirmar
Feche os olhos e medite
Você nunca mais vai voltar.

Este sonho que tive
Me deixou a meditar
Porque a voz amiga
Não me disse o que era Amar.

Regina

1970

Minha irmã inscreveu a música Marilena, da qual gostava muito, num festival de música da Faculdade São Marcos e veio a falecer antes da sua realização. Fiz esta canção em sua memória e a executei no festival.

Regina, eu vim lhe dizer
O que o canto não diz
Eu vim lhe dar o prazer
De ouvir as coisa que fiz

Regina, guarde na mente
No fundo do coração
Meu canto é reza descrente
Não posso mais rezar não

Mas fique certa disto
Um dia hei de te ver
Sentada ao lado de Cristo
Aí nós vamos viver.

Salada

Ontem conheci uma nutricionista.
Que salada!
Alface e rabanete.
-Como?
-Come-se sim...
-É saúde.
-Poeta que mancada!
-Como, é advérbio
-Começe, é verbo, iniciar...
-Que salada!
Explico...
Olhos verdes de alface
Sardas de rabanete
Meus versos seu destempero
Humor é seu vinagre
O sal a individualidade
Azeite...a mistura
Mistura que sacia
Sacia este delgado
Sacia esta vontade
Deste afomentado
Que jaz
No leito
Saciado

Tímido poeta

Este olhar vaidoso
De quem fita, fêmea folgosa
Encontra na íris aberta
Desejo de têla completa

Mas... a distância do gesto
Impede concreto afeto
Que num sorriso disperço
Induz a me olhar por certo

Olho e me contesto
Da timidez, réu confesso
Pois que se não me atordoa
Tão louco desejo à proa

E a âncora cravada no prelo
Impede, impulso mais belo
Em vão a popa desperta
Travada no rio decreta

Naufrágio !
Poeta, Pato... Patético.

Viola

1970

Letra de Caio Pompeu de Toledo e musicada por mim. Estávamos num bar da avenida cidade jardim e num papel de cigarros fizemos esta canção.

A desilusão
Vai contra-mão
A minha sorte

A só sendo forte
Ir contra morte
Que me vai no coração

Você me disserviu
Não deu em nada
No mais que precisava
Se sumiu

Mas mesmo sendo recusada
Minha viola inda sola pra você

Inventor

1968

Escrita no ano do AI-5 e ampliada em 2026.

Eu inventei o barco
Ele cobrou o vento
Eu inventei a roda
Ele, o engarrafamento

Eu inventei a troca
Ele inventou o cifrão
Eu inventei a nota
Ele, a inflação

Eu inventei a pesca
Ele, a exportação
Eu inventei o plantio
Ele, a exploração

Eu inventei a noite
Ele inventou a vigia
Eu inventei a mesa
Ele, a mordomia

Eu inventei a república
Ele a chamou de revolução
Eu inventei a praça
Ele, a Segurança da Nação

Eu inventei o voto
Ele inventou a cassação
Eu inventei o senado
Ele, o biônico de plantão

Eu inventei a escola
Ele inventou a lição
Eu inventei o estudante
Ele, o camburão

Eu inventei a manchete
Ele, a receita de bolo
Eu inventei o poeta
Ele, o exílio em outro solo

Eu inventei a pergunta
Ele inventou o porão
Eu inventei o silêncio
Ele, a confissão

Eu inventei o filho
Ele inventou o sumiço
Eu inventei a mãe na porta
Ele, o "ninguém sabe disso"

Eu inventei a fé
Ele inventou o medo
Eu inventei o Zé
Ele, o Figueiredo

Eu inventei as Diretas
Ele, o Colégio Eleitoral
Eu inventei a anistia
Ele, o perdão ao general

Eu inventei [redacted]
Ele [redacted]
Eu inventei [redacted]
Ele [redacted]

Eu inventei a porta
Ele inventou o trinco
Eu inventei o verbo
Ele, o AI-5

Mas o verbo, teimoso,
mesmo tarjado...
continua inventando.

Letras de Transgredindo

Álbum da banda Multiverso Digital, músicas feitas com IA

A tela do celular

Por que eu fiz esta música

Fiz porque vi as pessoas trocarem a janela pela tela. Abro com uma imagem que é quase uma acusação: *"A tela do celular é o único sol"*. E logo depois vem a cena que mais me incomoda: *"A janela está aberta, mas não olho pra nada"*. Para quem passou a vida sem conseguir fechar a janela, ver alguém com ela aberta e de olhos no celular é um tipo de cegueira nova.

A segunda estrofe fala de uma doença que eu conheço bem, o costume. *"A lágrima é um emoji, um falso desejo"*. O horror vira pó, o escândalo some no dia seguinte. É o mesmo assunto de "O Absurdo", e por isso o refrão repete a frase que me persegue: o absurdo virou normal.

Na ponte eu falo como o homem de sistemas que fui. Os ismos viram *"apps antigos"*, e *"Representar" é só vender uma nova marca*. O poder *"vazou do Estado"* e foi parar no algoritmo. No fim, a voz robótica dá o diagnóstico: *"Sistema... operacional... obsoleto."* e *"Representação... não encontrada."* Leio isso como a minha tese política inteira cabendo em duas linhas de log.

E tem a frase que, para um profissional de tecnologia, dói: *"A desconexão não é um bug, é o produto final"*. Passei a vida construindo sistemas para servir às pessoas. Aqui eu canto o sistema que serve a si mesmo.

Em uma frase: fiz *A tela do celular* para gritar, com guitarra e glitch, que o costume com o absurdo virou produto, e que a representação política que conhecemos ficou obsoleta.

Letra

A tela do celular é o único sol
Minha vida é um feed que rola sem fim
A notícia de sempre, a mesma opinião
Desligo por dentro, não sinto emoção
Eu vivo num corpo que não sinto mais
Preso nessa tela onde eu finjo ter paz
Lá fora, a vida real passa embaçada
A janela está aberta, mas não olho pra nada

Ninguém mais se espanta, o horror virou pó
A raiva é um arquivo que já corrompeu
O certo e o errado perderam a voz
A bússola moral dentro de nós quebrou
O grito de antes hoje é só um bocejo

A lágrima é um emoji, um falso desejo
O escândalo de hoje ninguém lembra amanhã
A memória é mais curta que um post no feed

O absurdo virou normal, é o ar que se respira
Aceito por todos num "like" que expira
O velho sistema na sua última dança
Deixando a loucura como nossa herança

Comunismo, Socialismo, Capitalismo e tantos ismos ...
velhas ideias no museu
São apps antigos que ninguém esqueceu
"Representar" é só vender uma nova marca
O poder vazou do Estado, afundou de vez a barca
E hoje está na nuvem, num código frio, no algoritmo
Que vende o caos e nos prende neste mesmo ritmo

O absurdo virou normal, é o ar que se respira!
Aceito por todos num "like" que expira!
O velho sistema na sua última dança!
Deixando a loucura como nossa herança!

Vivendo entre sombras de um mundo que acabou
E o futuro é uma página em branco que nos restou
A desconexão não é um bug, é o produto final
Um fantasma na própria vida, num loop virtual

O absurdo virou normal, é o ar que se respira!
Aceito por todos num "like" que expira!
O velho sistema na sua última dança!
Deixando a loucura como nossa herança!

Desliza...
Visualiza...
Compartilha...
Viraliza...

"Sistema... operacional... obsoleto."
"Representação... não encontrada."
"Sentimento... arquivo... corrompido."

"Desliza...
Viraliza..."

A vida cobrou

Por que eu fiz esta música

Fiz para dar voz a quem foi deixado e ouviu que era pouco. A primeira estrofe tem a ferida inteira: *"Que eu era pouco pra esses sonhos seus"*. E depois a confissão sem vergonha nenhuma: *"Eu chorei por uma semana inteira"*. É sofrência assumida, do jeito que o rádio da minha juventude cantava.

Mas o que me interessa está no refrão. Parece vingança, com juros e conta dobrada, só que no meio dele eu enfio um freio: *"Aqui se faz, aqui se paga, meu bem, e o que eu lamento / É ver que o seu castigo é o seu próprio sofrimento"*. Quem canta não comemora. Lamenta. Leio aí um homem que queria ter razão e, quando a razão chega, descobre que ela não consola.

A segunda estrofe tem o verso de que mais gosto: *"Você quis o mundo, quis a altura / Mas esqueceu de ter um chão"*. É quase um conselho de avô, de quem aprendeu cedo a andar com as próprias pernas. A pessoa que foi embora quis subir sem base, e caiu.

O refrão fecha com a palavra que dá o tom moral da canção: *"É o preço que se paga pela ingratidão"*. Escolhi o ditado popular de propósito. Ninguém precisa de explicação para entender "aqui se faz, aqui se paga".

Em uma frase: fiz *A vida cobrou* para cantar a dor do abandono sem esconder o desejo de justiça, e para mostrar que nem a justiça cura essa dor.

Letra

Você fechou a porta e disse adeus
Falou que a vida comigo era um erro
Que eu era pouco pra esses sonhos seus
E me deixou aqui, nesse desterro
Eu chorei por uma semana inteira
Com o seu retrato na minha mão
Você nem ligou, que brincadeira
Brincar assim com meu coração

Mas hoje a vida te cobrou, e cobrou com juros
Todo o mal que você me fez, em seus muros
Aqui se faz, aqui se paga, meu bem, e o que eu lamento
É ver que o seu castigo é o seu próprio sofrimento
A sua conta veio dobrada, sem choro e sem perdão
É o preço que se paga pela ingratidão

Outro dia eu te vi na rua, tão diferente
Com o olhar triste, a roupa amarrotada
Me disseram que o seu novo amor somente
Te usou e te deixou na calçada
Você quis o mundo, quis a altura
Mas esqueceu de ter um chão
E descobriu da forma mais dura
O que é viver na solidão

E hoje a vida te cobrou, e cobrou com juros
Todo o mal que você me fez, em seus muros
Aqui se faz, aqui se paga, meu bem, e o que eu lamento
É ver que o seu castigo é o seu próprio sofrimento
A sua conta veio dobrada, sem choro e sem perdão
É o preço que se paga pela ingratidão

Outro dia eu te vi na rua, tão diferente
Com o olhar triste, a roupa amarrotada
Me disseram que o seu novo amor somente
Te usou e te deixou na calçada
Você quis o mundo, quis a altura
Mas esqueceu de ter um chão
E descobriu da forma mais dura
O que é viver na solidão

E hoje a vida te cobrou, e cobrou com juros
Todo o mal que você me fez, em seus muros
Aqui se faz, aqui se paga, meu bem, e o que eu lamento
É ver que o seu castigo é o seu próprio sofrimento
A sua conta veio dobrada, sem choro e sem perdão
É o preço que se paga pela ingratidão

Abandono

"Você saiu feito artista... com a mala, o drama e o figurino."

Esta canção é um manual sobre o abandono, uma crônica sobre como transformar a dor de um adeus em uma obra de arte um tanto quanto cômica. É sobre o espelho que desmente nossa força, as lágrimas que borram a maquiagem e o apartamento que vira camarim de uma pessoa triste.

Por que eu fiz esta música

Fiz para rir de uma dor que todo mundo leva a sério demais. O primeiro verso já é palco: *"Você saiu feito artista"*, com mala, drama e figurino. E o detalhe que entrega o humor: *"Que até o gato achou digno"*.

A canção inteira é teatro. Quem fica conta: *"Eu fui ensaiar minha reação"*. Faz cara de diva da ópera bufa e acaba *"E chorei feito atriz de novela turca"*. O espelho, esse personagem cruel, faz a melhor cena: *"Disse ao espelho isso não me afeta / Mas ele canalha, me desmentiu"*. Para mim, que fiz teatro no colégio e depois curso de teatro para vencer a timidez, faz sentido transformar o abandono numa peça.

No meio da graça tem um pedido sério: *"Me ensina então / Seu manual do abandono"*. E depois *"Como amar sem virar refém"*. Leio aí a pergunta verdadeira da música. O humor é a casca; por dentro, alguém quer aprender a não depender tanto.

O fim junta as duas coisas. O retrato que caiu fica na parede *"por questão de estilo"*, e me cede *"O direito ao suspiro ridículo"*. O apartamento *"Agora é camarim de uma pessoa triste"*. Camarim é o lugar onde o ator tira a máscara. A tristeza está ali, só que bem maquiada.

Em uma frase: fiz *Abandono* para transformar um adeus numa comédia de bastidor, rindo do próprio drama sem negar que ele dói.

Letra

Você saiu feito artista
a no fim com a mala, o drama e o figurino
Nem olhou pra trás, foi tão sutil
Que até o gato achou digno
Deixou o bilhete com letra caprichada
Não me espera pro jantar
E a louça suja foi sua piada
Pro meu choro lavar
Eu fui ensaiar minha reação

Fiz cara de diva da ópera bufa
Mas tropecei na emoção
E chorei feito atriz de novela turca
Disse ao espelho isso não me afeta
Mas ele canalha, me desmentiu
A lágrima desceu discreta
E o rímel, sumiu
Me ensina então
Seu manual do abandono
Como sair sem fazer bagunça
Como sumir sem deixar o dono
Com a alma presa na tranca
Você levou até meu exagero
Meu drama e meu repertório
E me deixou com esse travesseiro
Que agora é só auditório
As plantas morreram de tédio
O vinho azedou de saudade
E até a vizinha, que é um assédio
Veio perguntar pela metade
Seu retrato caiu da parede
Mas eu deixei por questão de estilo
Agora ele me encara e me cede
O direito ao suspiro ridículo
Me ensina então seu manual do adeus
Como amar sem virar refém
Como dizer foi lindo
E nunca mais voltar também
E se um dia bater arrependimento
Ou saudade do meu apetite
Lembre-se, meu apartamento
Agora é camarim de uma pessoa triste

Acontece

Por que eu fiz esta música

Fiz para explicar a paixão do jeito que eu explicaria um sistema infectado. Começo assim: *"A paixão é um vírus / Que se instala sem permissão"*. Ninguém autoriza, ninguém instala de propósito. Ela entra e toma conta.

Depois sigo o caminho do vírus pelo corpo, *"A corrente sanguínea"*, a alma, os olhos, as terminações nervosas. É o mesmo truque da "Transitofrenia" que escrevi no científico, quando o trânsito de São Paulo virou a corrente sanguínea de um paulistano. Só que agora o invasor é o amor. E o veredito é de médico sem esperança: *"Não há um antídoto que cura a tamanha doença"*.

A estrofe dos olhos é a mais bonita para mim: *"Quando chega aos olhos / Cria a cegueira / Os poetas enxergam"*. A paixão cega todo mundo, menos os poetas, que justamente nessa hora começam a ver. Leio aí uma defesa do meu ofício.

O fim é quase uma rendição tranquila: *"Amar é um processo / Simplesmente acontece"*. Depois de toda a anatomia da doença, a conclusão é que não adianta entender. Acontece.

Em uma frase: fiz *Acontece* para descrever a paixão como um vírus que ninguém escolhe e ninguém cura, e para dizer que só o poeta enxerga alguma coisa nessa cegueira.

Letra

A paixão é um vírus
Que se instala sem permissão
Contaminando o coração
Fundo o caos, na razão, acontece

A corrente sanguínea
Perpétua e marca sua presença
Não há um antídoto que cura a tamanha doença
Acontece

Espalha-se pelo corpo
Na alma, instala-se
Faz-se hóspede, sorrateiro domina
Acontece

Quando chega aos olhos
Cria a cegueira
Os poetas enxergam

As terminações nervosas
Faz loteamento
Renascendo-as acontece

Já nas emoções
Inaugura as ilusões
Sofrimentos e felicidades
Cria dependência das melhores
O prazer acontece

Precisa viver
Você se alimenta do amor
Amar é um processo
Simplesmente acontece
Amar é um processo
Simplesmente acontece

Acreditei Novamente

Por que eu fiz esta música

Fiz emprestando a voz a uma mulher numa noite de bar, e me divertindo com isso. Ela conta o golpe com honestidade: *"Me falou tudo o que eu queria ouvir / E eu boba acreditei"*. E se define sem pena de si: *"Sou assim ingênua sempre / Crendo no lado bom"*.

O encanto dura pouco. *"A conversa dele era oca"*, ele era só mais um no bar. Mas a culpa não vai inteira para o sujeito: *"Meu coração que é teimoso"* se empolgou de novo. O título já diz isso: o que pesa é o "novamente".

Aí entra o refrão, que é sofrência com humor e com orgulho: *"Então garçom traz mais uma"*, e depois *"Não vou sofrer por você"*. Ela chora, bebe, mas se vira.

A estrofe da manhã é a que eu acho mais bem observada. O sol na janela, a maquiagem borrada, e a frase que resume tudo: *"Fim de mais uma história / Que nem chegou a começar"*. A promessa final, *"No bar jamais me apaixonar"*, a gente sabe que não vai ser cumprida. É por isso que tem graça.

Em uma frase: fiz *Acreditei Novamente* para rir, com carinho, do coração teimoso que cai no mesmo truque e ainda assim se levanta no dia seguinte.

Letra

Ah, esse cara que entrou na minha vibe
Lançou um olhar de cobiça
Flertou com minhas emoções
Transbordando-as de fato
O que raramente acontece

Em mim o eu floresceu
Chegou e me encantou
Com um sorriso que engana
E meu mundo balançou

Me falou tudo o que eu queria ouvir
E eu boba acreditei
Por um momento me perdi
Sou assim ingênua sempre
Crendo no lado bom

Mas a ilusão durou pouco
O encanto se quebrou no ar
A conversa dele era oca
Só mais um cara nesse bar

Meu coração que é teimoso
Se empolgou pra valer
E de novo caiu no truque
De quem só quer se divertir

Então garçom traz mais uma
Que hoje eu quero beber
Vou curtir a minha fossa
Até o dia amanhecer

Se o coração se enganou
De novo o que eu posso fazer
A noite é longa e eu me viro
Não vou sofrer por você

A luz do sol bate na janela
Maquiagem já borrou
Lembra abraço falso
E do beijo que não marcou
Fim de mais uma história
Que nem chegou a começar
E a promessa que eu me faço
No bar jamais me apaixonar

Então garçom traz mais uma
Que hoje eu quero beber
Vou curtir a minha fossa
Até o dia amanhecer
Se o coração se enganou
De novo o que eu posso fazer
A noite é longa e eu me viro
Não vou sofrer por você

Então garçom traz mais uma
Que hoje eu quero beber
Vou curtir a minha fossa
Até o dia amanhecer

Se o coração se enganou
De novo o que eu posso fazer
A noite é longa e eu me viro
Não vou sofrer por você

Água Rasa

Por que eu fiz esta música

Fiz para pôr o meu bairro numa música e chamar cada pessoa pelo nome. O refrão parece certidão de nascimento: *"Lá na Água Rasa," "foi lá que eu nasci"*. E é literal: nasci dentro da casa da minha avó, ali mesmo.

Depois vem o orgulho de menino que estudou: *"Eu me formei," "sim senhor"*, e a brincadeira *"Lá na Água Rasa," "só dá doutor"*. Leio aí o tio doutor que foi o meu herói, e também o menino da escola estadual que chegou longe.

A parte do meio é uma chamada de nomes. *"Do sessenta e da escola"*, *"Da Bragança, do Pula-Risca," "da Vovó Guiomar"*, *"Da minha mãe e meu pai," "dos meus irmãos e irmã"*. Dois irmãos e uma irmã, como foi. Depois os amigos e os primos, e um verso que me faz rir: os amigos dos primos *"Que tive de engolir"*, seguido de um *"Quá, quá, quá, quá"*. A saudade aqui vem com risada.

O fim é curto: *"Mas tudo mudou" / "Eu aqui estou"*. Não tem lamento longo. O bairro mudou, eu mudei, e mesmo assim termino com *"Pois a Água Rasa é meu amor"*. Leio nessa música a raiz de tudo o que penso sobre o bairro como a célula da vida da gente.

Em uma frase: fiz *Água Rasa* para devolver ao bairro onde nasci os nomes, as ruas e as risadas que me formaram.

Letra

Meu bairro

Lá na Água Rasa,
foi lá que eu nasci

Lá na Água Rasa,
foi lá que eu cresci

Lá na Água Rasa,
eu me criei
Eu me formei,
sim senhor
Lá na Água Rasa,
só dá doutor

Lá na Água Rasa,
foi lá que eu nasci

Lá na Água Rasa,
foi lá que eu cresci

Lá na Água Rasa,
eu me criei
Eu me formei,
sim senhor
Lá na Água Rasa,
só dá doutor

Ai, Água Rasa, quanta saudade me traz
Dos velhos tempos de outrora
Do sessenta e da escola
Da Bragança, do Pula-Risca,
da Vovó Guiomar
Da minha mãe e meu pai,
dos meus irmãos e irmã
Do Fernando e da Marisa,
do Duarte e da Mirna
Da Mimi e da Lala,
do Mirim e da Fernanda
Da Céu e do Acácio,
da Lucinda e do Mário
Do Bragança e amigos dos meus primos
Que tive de engolir
Quá, quá, quá, quá

Mas tudo mudou
Eu aqui estou
Sei que a Água Rasa é um bairro de esplendor
Pois a Água Rasa é meu amor

Alguém Chegou (Fado)

Por que eu fiz esta música

Fiz para cantar uma perda pequena que doeu como se fosse grande. Começo com o mundo inteiro me seduzindo, céu, mar e luz, e logo confesso o defeito: *"De tanto amar, mas sem falar"*. Leio aí o rapaz tímido que eu fui, que sentia muito e dizia pouco.

O que ele fez no lugar de falar? Uma canção. *"Se até mesmo uma canção / Eu fiz para dar / A minha amada"*, tocada *"Ao entoar meu violão de estimação"*. O violão aparece como o porta-voz de quem não sabe declarar.

O refrão tem uma honestidade que me agrada: *"Meu Deus, eu sofro tanto / Por quase nada"*. Quem canta sabe que está exagerando, e mesmo assim sofre. É o fado do jeito que eu entendo: a dor levada a sério e, ao mesmo tempo, olhada de longe.

O fim é seco: *"Agora o seu amor / Que era só meu"*, e então *"Alguém chegou / Pra desfrutar / Seu coração"*. Não tem briga nem acusação. Alguém chegou, e pronto. A demora em falar custou a amada.

Chamar de fado também tem um sentido para mim. A minha família atravessou o mar de Lisboa a Santos em 1929, e a saudade portuguesa veio junto.

Em uma frase: fiz *Alguém Chegou* para cantar, em forma de fado, o preço de amar calado: enquanto eu fazia a canção, outro chegou.

Letra

Alguém chegou

O Céu, o Mar e a Luz
São tantos que seduzem o meu viver
As coisas que produzem o meu sofrer
De tanto amar, mas sem falar

Porque então
Que a todos sou feliz no coração
Se até mesmo uma canção
Eu fiz para dar
A minha amada
A minha amada
Sem querer predestinada
Ao entoar meu violão de estimação

Meu Deus, eu sofro tanto
Por quase nada
Porque então
Que a minha amada
Me deixou na solidão

Meu Deus, eu sofro tanto
Por quase nada
Porque então
Que a minha amada
Me deixou na solidão

Agora o seu amor
Que era só meu
De mais ninguém
Alguém chegou
Pra desfrutar
Seu coração

Alquimia

Por que eu fiz esta música

Fiz para contar as fases do amor como quem descreve uma transformação química. Começo pelo amor crítico: *"O amor crítico é preciso, inspira a alma, encandece"*. Depois o químico: *"O amor químico é preciso, consome, alimenta e consolida"*. E, por fim, o maduro.

A palavra "preciso" se repete em todas as estrofes e eu gosto dela porque tem dois sentidos: necessário e exato. Cada fase é necessária na sua hora, e cada uma tem a sua medida.

O verso que me parece o coração da música é este: *"Por um momento, dia após dia, o amor maduro é preciso"*. E logo depois a química e a crítica ficam para trás, enquanto o amor maduro *"nutre em si a saudade daqueles tempos vividos"*. Leio aí alguém que passou da paixão e não perdeu o amor, só trocou de estado, como na alquimia.

O fim fala de algo que não acaba: *"Não morre nunca, ressuscita de fato"*. E o amor *"Nasce quando anoitece, inspira ao amanhecer"*, o que para mim soa como a vida de um casal que atravessa as noites e acorda junto.

Quem escreve isso depois de mais de cinquenta anos de casamento sabe do que está falando.

Em uma frase: fiz *Alquimia* para mostrar que o amor muda de estado ao longo da vida, da crítica à química e à maturidade, e que nessa última forma ele não morre.

Letra

O amor crítico é preciso, inspira a alma, encandece
Nasce quando anoitece, inspira ao amanhecer

O amor químico é preciso, consome, alimenta e consolida
No êxtase às energias, fusão d'alma que sacia

Por um momento, dia após dia, o amor maduro é preciso
Químico dispensado,
crítico esquecido,
nutre em si a saudade daqueles tempos vividos

O amor é preciso, no tempo e espaço, nasce quando anoitece
Não morre nunca, ressuscita de fato
De fato
De fato
De fato

O amor químico é preciso, consome, alimenta e consolida
No êxtase às energias, fusão d'alma que sacia

Por um momento, dia após dia, o amor maduro é preciso
Químico dispensado, crítico esquecido, nutre em si a saudade daqueles tempos vividos

O amor é preciso, no tempo e espaço, nasce quando anoitece
Não morre nunca, ressuscita de fato

Anita - Natural Beleza

"Natural Beleza" é um hino à essência e à aceitação. Uma canção que celebra a beleza que existe sem artifícios, que floresce na simplicidade e se revela nas marcas do tempo. Em um mundo de filtros e padrões, esta música é um convite para se olhar no espelho e enxergar a verdade genuína que cada rosto carrega. Uma melodia suave que te lembra que a sua beleza mais pura é, simplesmente, a de ser quem você é.

Por que eu fiz esta música

Fiz para a minha esposa, que nunca precisou de maquiagem nem de roupa da moda. A canção começa na hora mais sincera do dia: a luz da janela ao amanhecer, *"E o espelho, sem pressa, mostra quem você é"*. Quis olhar para ela como ela é quando ninguém está vendo.

A primeira estrofe já recusa os truques: nada de traço que simula contorno, nada de preenchimento. Ali eu escrevo: *"É no rastro do tempo, na ruga que ensina"*. Para mim, a ruga aqui é professora.

O verso de que mais gosto é pequeno: *"Teu riso vem antes do batom"*. Ele diz a ordem das coisas na vida dela. Primeiro vem a pessoa, depois o enfeite, se vier. E o refrão compara ela a algo que se mantém sozinho: *"É um jardim que não precisa ser regado"*.

Tem também humor de quem conhece a mulher há muito tempo: o espelho, quando a vê passar, *"Suspira e se cala pra não atrapalhar"*. E tem a memória da vida juntos: *"Nem rugas de quem sorriu"*, *"Cicatrizes de quem viveu"*, *"É memória que valeu"*.

No fim, a canção sai da casa e enfrenta o mundo: *"E se o mundo te aponta com seus padrões vazios"*. Leio aí uma declaração de amor que vira também uma defesa contra a ditadura dos filtros.

Em uma frase: fiz *Anita* para dizer à minha esposa que a beleza dela sempre esteve no que ela é, sem adorno, e que as marcas do tempo são memória que valeu.

Letra

A luz da janela te encontra ao amanhecer
E o espelho, sem pressa, mostra quem você é
Sem as camadas que o tempo nos impõe
Sem as pontes que a pressa constrói
Não é no traço que simula um contorno
Nem no preenchimento que apaga um transtorno
É no rastro do tempo, na ruga que ensina
Que a tua face revela ser genuína

Sua natural beleza é a mais bela das belas
Mais que a luz da tarde no quintal
É um jardim que não precisa ser regado
É uma face que não precisa de adornos
É uma pele que resiste ser maquiada
É, enfim, a natural beleza de ser

No espelho da manhã sem pressa
Teu rosto acorda sem precisar
De cor, de traço ou artifício
Feito flor que se recusa a disfarçar
Teu olho diz o que não se escreve
Teu riso vem antes do batom
Você vem sem pressa, sem pintura, sem moldura, sem vitrine ou ilusão
Com a pele em tom de tarde clara
Com os olhos que dispensam tradução

Sua natural beleza é a mais bela das belas
Mais que a luz da tarde no quintal
É um jardim que não precisa ser regado
É uma face que não precisa de adornos
É uma pele que resiste ser maquiada
É, enfim, a natural beleza de ser

Não desce do salto, nem sobe
Não veste desfile, nem pose
O espelho quando a ver passar
Suspira e se cala pra não atrapalhar
Você passa sem batom
Sem querer ser vitrine
Nem se deu conta
E o tempo sem retoque
Nem precisou de argumento
Seu riso é quem traz o norte

Sua natural beleza é a mais bela das belas
Mais que a luz da tarde no quintal
É um jardim que não precisa ser regado
É uma face que não precisa de adornos
É uma pele que resiste ser maquiada
É, enfim, a natural beleza de ser

Não é no rímel que se esconde o brilho dos teus olhos
Nem na sombra que se inventa a profundidade deles
Não precisa pau, não precisa batom
Nem lápis nos olhos, meu amor Não, não há filtro que a esconda
Nem espelho tão profundo
É o simples que deslumbra
A mulher sem disfarce
É a alma nua que dança
Enquanto o mundo se arrasta

Não tem silicone, não tem desenho no rosto
Feito nem se pinta pra ninguém
Nem precisa desse enfeite
Nem rugas de quem sorriu
Cicatrizes de quem viveu
E cada marca sutil
É memória que valeu

Sua natural beleza é a mais bela das belas
Mais que a luz da tarde no quintal
É um jardim que não precisa ser regado
É uma face que não precisa de adornos
É uma pele que resiste ser maquiada
É, enfim, a natural beleza de ser

E se o mundo te aponta com seus padrões vazios
Que a tua essência resista a todos os desvios
Pois o que de fato encanta
O que de verdade encanta
É a tua verdade nua
A beleza natural em ti

Sua natural beleza é a mais bela das belas
Mais que a luz da tarde no quintal
É um jardim que não precisa ser regado
É uma face que não precisa de adornos
É uma pele que resiste ser maquiada
É, enfim, a natural beleza de ser

Apartamento

Por que eu fiz esta música

Fiz para cantar um reencontro em que o mais importante ficou sem ser dito. A cena é curta: *"Um dia ela chegou"*, *"cantando, fingindo"*, *"Trazer o que restou de mim"*. Quem volta, volta trazendo os pedaços de quem ficou. E volta fingindo, o que já diz muita coisa.

A segunda estrofe é a queixa: *"Falou de coisas ditas"*, *"Zombou do já sabido"*, e *"No entanto, esqueceu-se de dizer" / "Do nosso amor"*. Leio aí a frustração de quem esperava uma conversa e recebeu conversa fiada. O assunto que importava ficou de fora.

Por isso o refrão é tão direto, quase desesperado: *"Olha, você não vê que eu estou" / "Louca por você"*. Se a outra pessoa não fala, quem canta fala por dois. E o convite tem endereço: *"No meu apartamento do amor"*. O apartamento é o lugar onde o sentimento finalmente caberia.

É uma letra curta, repetida, do jeito das canções que se ouviam no rádio. Gosto da simplicidade dela. Ela não explica a história; deixa o ouvinte imaginar o que aconteceu antes de *"Um dia ela chegou"*.

Em uma frase: fiz *Apartamento* para dar voz a quem viu o amor voltar e não ouviu dele a única coisa que queria ouvir.

Letra

Olha, você não vê que eu estou louca por você..."

Uma música para todos que já sentiram a urgência de ter a pessoa amada por perto, em seu próprio "apartamento do amor".

Um dia ela chegou Sorrindo,
cantando, fingindo
Trazer o que restou de mim

Falou de coisas ditas
Zombou do já sabido
No entanto, esqueceu-se de dizer
Do nosso amor

Olha, você não vê que eu estou
Louca por você
Adoro você
Eu quero você

No meu apartamento do amor
No meu apartamento do amor
No meu apartamento

Um dia ela chegou
Sorrindo,
cantando, fingindo
Trazer o que restou de mim
Falou de coisas ditas
Zombou do já sabido

No entanto, esqueceu-se de dizer
Do nosso amor
Olha, você não vê que eu estou
Louca por você
Adoro você
Eu quero você

No meu apartamento do amor
No meu apartamento do amor
No meu apartamento

Autorretrato

Por que eu fiz esta música

Fiz para me olhar de frente, e a primeira coisa que encontrei foi a dúvida: *"Lidar comigo, não sei"* / *"Talvez seja eu o meu próprio inimigo"*. É um autorretrato que começa admitindo que não conhece bem o retratado.

Depois volto à origem. *"Minha vida começou num quarto cozinha"*, dividido com os irmãos. O meu pai *"do telhado vivia"*, e o verso *"Televisão sem antena"* explica o porquê: ele instalava antenas. O lema dele vem em três palavras iguais: *"Trabalho, trabalho, trabalho"*. A minha mãe *"de doença sofria"*, com medo do sustento, e o lema dela era *"Respeito, humildade, sinceridade"*.

A estrofe mais dura é a da minha irmã. *"Foi embora depressa aos 24"*, e eu conto o que fiz: *"Pra ela fiz uma música"*. Cito "Regina" dentro desta canção, com o verso que mais me define na fé: *"Meu canto é reza descrente"*. A saudade dela é a lição de felicidade da música.

No fim eu me descrevo como um observador *"terrena como uma biruta"*, que só mostra para onde o vento vai, e me chamo de *"Anacrônico de mim mesmo"*. Leio aí o homem de tecnologia que tenta acessar os próprios dados e encontra arquivos teimosos, sem identidade. A conclusão é a mais honesta que consegui: *"Eu não sou eu e pronto"* / *"Apenas emoção"*.

Em uma frase: fiz *Autorretrato* para juntar num só lugar a casa pobre, os pais, a irmã que partiu e a minha confusão de hoje, e admitir que no fim sou só emoção.

Letra

Autoretrato

"Eu não sou eu e pronto. Apenas emoção."

Lidar comigo, não sei
Talvez seja eu o meu próprio inimigo
Prisioneiro dos medos e angústias
Selados com o tempo
Difíceis como são

Minha vida começou num quarto cozinha
Dela dividia meus irmãos
Quatro pra ser exato
O meu pai do telhado vivia
Trazendo alegria pras famílias

Televisão sem antena
Nada se via
Trabalho, trabalho, trabalho
Seu lema

Minha mãe de doença sofria
Preocupada com a vida
Que o sustento temia
Respeito, humildade, sinceridade
Seu lema

Minha irmã que amiga
Que falta, que saudade
Foi embora depressa aos 24
Pra ela fiz uma música
Regina, guarde na mente
No fundo do teu coração
Meu canto é reza descrente
Não posso mais rezar não
Doces momentos
Que maravilha estar com ela
A vida era um sorriso inocente
Um convite à eternidade
Curta mas duradoura
Felicidade, felicidade, felicidade
Seu lema

Eu, bem, observava a vida que passava
Não a real, a imaginária
Sonhos vários, todos humanos tangíveis
Sem ambição, terrena como uma biruta
Que delata a direção do vento
Anacrônico de mim mesmo
Hoje acesso os dados
Impregnados pelo tempo
Me parecem inconsistentes, teimosos, resistentes
Sem identidade, invasores
Se instalaram definitivamente
Enquanto observava
Este não sou eu, leio e compreendo
Que há mais de um em mim, parceiros que fundam

Associações da solidão
Conduzem e me levam
A mais sincera conclusão
Eu não sou eu e pronto
Apenas emoção
Eu não sou eu e pronto
Apenas emoção

Binário

Por que eu fiz esta música

Fiz porque passei a vida inteira dentro do 1 e do 0, e um dia quis cantar isso para quem nunca pensou no assunto. Começo pelo que todo mundo tem na mão: *"Na tela fria do seu celular"*. A foto, a TV, tudo vira bit, e a gente nem vê.

Depois eu volto no tempo: *"O Morse morrendo e o bit nascendo"*. Quem viu a máquina nascer sabe que antes era ponto e silêncio. E aí aparece o que eu acho mais bonito da lógica: *"É o zero que nega, é o um que afaga"*. Dou sentimento a um circuito, porque para mim o binário nunca foi frio.

No segundo verso eu tiro a lógica da máquina e ponho no corpo: *"O DNA trança, num outro padrão"*, *"Mas segue a lógica da programação"*. E o refrão sobe para a pergunta que me acompanha: *"O certo e o errado, quem vai decidir?"*, com *"Deus e o Diabo, a força e a dor"* no mesmo par.

O que eu mais gosto é o fim de cada refrão. Primeiro *"aprender a jogar"*, depois *"aprender a exigir"*, e por último *"Nesse sistema binário, aprender a... existir."* É a minha vida em três verbos: aprendi o jogo, aprendi a cobrar, e agora quero entender o que é existir. E ainda confesso a dúvida: *"A mesma pergunta, a mesma balela"*. O universo é simples, mas a resposta não chega.

Em uma frase: fiz *Binário* para mostrar que o 1 e o 0 que me deram profissão também explicam o que eu sinto sobre a vida.

Letra

Na tela fria do seu celular
Um universo a piscar, sem parar
É só um e zero, a gente nem vê
A foto que tira, o que passa na TV
Branco e preto, no fundo é o que são
O sim e o não, a eterna canção
A base de tudo que a gente criou
No pulso do bit, o mundo mudou

Pense num ponto e num silêncio
O Morse morrendo e o bit nascendo
Um "sim" de corrente, um "não" sem calor
Um sopro de luz que acende e se apaga
É o zero que nega, é o um que afaga

Agora, milhões, numa dança veloz
Pintando a imagem que chega até nós
No som que te toca, na cor da TV
É a trama de bits que te faz sentir e ver

Um e zero, a vida a pulsar
Macho e fêmea, no mesmo lugar
O certo e o errado, quem vai decidir?
No código da alma, o que vai redigir?
Deus e o Diabo, a força e a dor
O Universo é simples como
Um e zero, a dualidade a nos guiar
Nesse sistema binário, aprender a jogar

Não é só na máquina, olhe pra você
No código-fonte do seu próprio ser
O DNA trança, num outro padrão
Mas segue a lógica da programação
O gene que ativa ou o que vai dormir
O traço que herda, o que vai sumir
São pares de forças, a eterna lição
Escrita na base da nossa criação

Um e zero, a vida a pulsar
Macho e fêmea, no mesmo lugar
O certo e o errado, quem vai decidir?
No código da alma, o que vai redigir?
Deus e o Diabo, a força e a dor
O Universo é simples como
Um e zero, a dualidade a nos guiar
Nesse sistema binário, aprender a exigir

Então o universo, em sua expansão
É um eco gigante desse "sim" e "não"
A força que atrai, a que vai repelir
O átomo vibra pra tudo existir
Na noite e no dia, no vácuo e na estrela
A mesma pergunta, a mesma balela

Um e zero, a vida a pulsar
Macho e fêmea, no mesmo lugar
O certo e o errado, quem vai decidir?
No código da alma, o que vai redigir?
Deus e o Diabo, a força e a dor
O Universo é simples como
Um e zero, a dualidade a nos guiar
Nesse sistema binário, aprender a... existir.

Cais

Por que eu fiz esta música

Fiz porque saí de uma depressão e precisava dar nome ao que tinha vivido. Por isso abro separando a minha tristeza das outras: *"não dessa dor que se alardeia"*, *"nem da tristeza que se inventa"*. A minha *"entra, sem dar bandeira"* e *"por dentro se aposenta"*. Ninguém via. Por fora estava tudo em ordem.

A imagem central é o porto parado: *"o corpo se torna cais"*. O cais é o lugar de onde os barcos saem, mas ele mesmo não sai. Era assim que eu me sentia, com a voz que *"emudece"* e o gesto que *"vacila"*.

Depois vem a pergunta que mais me doía, feita diante do espelho: *"Se fui eu que bati a porta" "ou se a vida quis fechar"*. Não sei responder até hoje, e deixei a dúvida na letra como ela é.

O final não promete cura. O barco segue *"porque sabe que não há" "por onde ir"*, e mesmo assim *"o casco deste corpo insiste em velejar"*. Eu quis registrar uma resistência sem esperança bonita, a de quem continua porque continuar é o que resta. Esse último verso já estava no poema antigo "O Cais", e a canção nasceu em volta dele.

Em uma frase: fiz *Cais* para dizer a tristeza silenciosa da depressão e o teimoso continuar de quem sai dela.

Letra

Estou triste,
não dessa dor que se alardeia,
nem da tristeza que se inventa
É da que entra, sem dar bandeira
e por dentro se aposenta

É um silêncio que me veste,
uma ausência que não grita
A alma às vezes só se empresta
ao vazio que habita

A voz emudece,
o gesto vacila,
o corpo se torna cais
E o riso que ainda oscila
já não volta nunca mais

Me pergunto no espelho da porta
se fui eu que me deixei ficar
Se fui eu que bati a porta
ou se a vida quis fechar

Mas prossigo com o ar que não me cabe,
com um barco velho antigo
Que navega porque sabe que não há
por onde ir
Velejo sem mapa, nem porto, sem promessa de chegar
E o casco deste corpo insiste em velejar

Colher o azar

Por que eu fiz esta música

Fiz porque já vi muita gente chegar se achando dona do lugar e sair pequena. Comecei pela entrada triunfal: *"Chegou no terreiro de peito estufado"*. E logo mostro o estrago: *"Passou rasteira no irmão, pisou na saia da moça"*. O sujeito trata a roda de samba, que é coisa coletiva, como se fosse dele.

O samba é o cenário, mas o assunto é maior, e eu digo isso na letra: *"Esqueceu que o mundo é um terreiro maior"*. O refrão é ditado de vó com ginga: *"Quem planta maldade, um dia vai colher o azar"*, e a lição que eu mais queria deixar: *"E o futuro vem mostrar que ninguém samba sozinho"*.

O segundo verso é a volta do tempo. O mesmo homem *"Hoje você chega miúdo, de cabeça baixa"*. Não quis só castigar o personagem. Deixei ele aprender: *"Aprendeu que a prepotência é inimiga do viver" "E que a maior sabedoria é saber agradecer"*. A música termina dando uma saída para ele, a gratidão.

Em uma frase: fiz *Colher o azar* para lembrar, em ritmo de samba, que a prepotência cobra a conta e que ninguém samba sozinho.

Letra

Chegou no terreiro de peito estufado (Ê, camarada!)
Achando que era o dono do seu fado (Pois é, camarada!)
Passou rasteira no irmão, pisou na saia da moça
Tratou o samba como se fosse bagunça, uma carroça
Esqueceu que o mundo é um terreiro maior
Onde cada um tem seu lugar, seja bom ou seja pior
Mas a vida tem sua ginga, seu jeito de cobrar (A ginga do destino!)
Quem planta maldade, um dia vai colher o azar (A ginga do destino!)
Aqui se faz, aqui se paga, na poeira do caminho
E o futuro vem mostrar que ninguém samba sozinho
E a conta vem dobrada pra quem foi ruim e mesquinho!
O tempo passou e a sua pose caiu (Ê, camarada!)
O povo do samba de você se esqueceu, nem viu (Pois é, camarada!)
Hoje você chega miúdo, de cabeça baixa
Procurando um axé que na sua vida já não se encaixa
Aprendeu que a prepotência é inimiga do viver
E que a maior sabedoria é saber agradecer
Pois a vida tem sua ginga, seu jeito de cobrar (A ginga do destino!)
Quem planta maldade, um dia vai colher o azar (A ginga do destino!)

Aqui se faz, aqui se paga, na poeira do caminho
E o futuro vem mostrar que ninguém samba sozinho
E a conta vem dobrada pra quem foi ruim e mesquinho!

Desilusão

Uma canção sobre o que resta quando o amor vai embora, mas insiste em voltar. "Veio Invadir Meu Samba" fala sobre a desilusão que bate contra o peito e a fragilidade de um coração que, mesmo partido, continua a tocar sua melodia para quem o deixou. É o som da saudade, da porta que se abre outra vez e do violão que não sabe argumentar, apenas sentir.

Esta é a letra de uma música sobre um amor que partiu há um mês e agora retorna, invadindo o samba e a vida de quem ficou. Uma história de abandono no momento de maior necessidade e a luta interna entre a mágoa e um coração que ainda se expressa através das cordas do violão. Uma canção sobre a dor de um amor que não deu em nada, mas que ainda ecoa.

Para todo coração que já foi abandonado e, mesmo assim, continuou a "solar". Uma música sobre desilusão, reencontros inesperados e a teimosia de um sentimento que se recusa a calar.

Por que eu fiz esta música

Esta eu não fiz sozinho. Nasceu numa noite de música com o meu tio e o Caio Pompeu de Toledo, com a letra escrita ali mesmo, no papel de um maço de cigarros. Eu era o violeiro do meu tio, e o samba saiu a várias mãos.

Abre já com o tom do samba-canção: *"A desilusão vai contra a mão"*. A história é simples e todo mundo conhece: alguém foi embora e voltou. *"Você que me fugiu já faz um mês" "Veio invadir meu samba outra vez"*. Quem largou foi justamente na hora errada: *"No mais que precisava se sumiu"*, e foi *"Por um nada"*.

O que eu acho bonito é que o narrador não consegue ficar bravo de verdade. *"Minha viola ainda sola pra você"*. O instrumento continua tocando para quem não merece. E o final explica por quê: *"Ah, meu violão" "Não sabe não argumentar"*. A razão perde para o sentimento.

Faz sentido que o título original fosse "Argumento". Numa roda de estudantes de Direito, onde se vive de argumentar, a gente fez um samba sobre um violão que não sabe argumentar.

Em uma frase: fiz *Desilusão* com o meu tio e o Caio para cantar o amor que volta quando não devia e o violão que não consegue dizer não.

Letra

A desilusão vai contra a mão
A minha sorte
A só sendo forte ir contra a morte
Que me vai no coração

Você que me fugiu já faz um mês
Veio invadir meu samba outra vez
Você que fez a madrugada
Por um nada se mandou da minha alçada

Você me desserviu, não deu em nada
No mais que precisava se sumiu
Mas mesmo sendo recusada
Minha viola ainda sola pra você

Ah, meu coração
Um dia vai desmoronar
Ah, meu violão
Não sabe não argumentar
Não sabe não argumentar
Não sabe não

Escuridão

Por que eu fiz esta música

Fiz a partir de um poema antigo meu que se chamava "A Morte". A canção trocou o nome, mas o assunto continua lá: o apagar de uma presença e, no fim, o apagar dos próprios olhos.

Começo me apresentando: *"Eu, com meus olhos de artista"*. É o jeito que eu tenho de olhar o mundo. Só que esse olhar está largado: *"Vivo a deriva sem pista"*, e a preguiça vai deixando as coisas para lá. Do outro lado tem alguém que se afasta: *"Teus olhos longe me esquecem"*, e *"A ausência que tu me veste"* pesa mais do que o tempo que me sobra.

Depois a música vira fotografia. A imagem fica *"Pendurada no último fio"*, *"Como um retrato sem pranto"*. É a lembrança que ainda está ali, mas já sem lágrima, quase gasta.

O fim é um olho fechando devagar: *"A fresta se fecha sem pressa"*, *"A festa termina sem som"*, *"A íris se rende e tropeça"*. Sem drama, sem grito. A noite toma conta, e a palavra que fica sozinha é *Escuridão*.

Em uma frase: fiz *Escuridão* para descrever, com olhos de artista, a ausência que vai apagando a imagem de alguém até tudo escurecer.

Letra

Eu, com meus olhos de artista
Vivo a deriva sem pista
Preguiça que a alma despista
E aos poucos te deixa pra lá

Teus olhos longe me esquecem
E os meus sequer em não sabem
A ausência que tu me veste
É mais que o tempo me cabe

A imagem se esconde num canto
Pendurada no último fio
Como um retrato sem pranto
Como um suspiro vazio

A fresta se fecha sem pressa
A festa termina sem som
A íris se rende e tropeça
E a noite me toma de tom

Escuridão

A imagem se esconde num canto
Pendurada no último fio
Como um retrato sem pranto
Como um suspiro vazio

A fresta se fecha sem pressa
A festa termina sem som
A íris se rende e tropeça
E a noite me toma de tom

Escuridão

Estudantes

Por que eu fiz esta música

Fiz porque eu era um menino que viu o tanque passar na rua e não conseguiu mais fechar a janela. Dois anos depois, com a minha banda Os Profetas, cantei esta letra num festival de colégios e ganhei o primeiro lugar. Foi o meu primeiro troféu e a minha primeira contestação.

A abertura é uma apresentação de turma: *"Somos estudantes, falados contestantes"*. Eu sabia que nos chamavam de baderneiros e quis responder sem grito. Por isso a letra pede paz o tempo todo: *"Nascemos para amar e não destruição"*. E até uso a bandeira contra quem nos acusava: *"Vejam nossa bandeira de ordem e progresso"*, *"Desordem é besteira, decadência não é sucesso"*.

Depois vem a parte que eu mais guardo: *"Um dia a democracia virá"*. Escrevi aquilo em plena ditadura, sem saber se ia ver. E fui honesto sobre nós, jovens: *"Que o jovem que lhe clama por amor" "Também nega quando sente saudade"*. A gente também era contraditório.

O fim é mais duro: *"Mas não importa, irmão, meu coração virou teu facão"*. Mesmo pedindo paz, o menino sabia que aquilo podia virar sangue. E fecha pedindo outra música para o mundo: *"Suplica febril por uma nova canção"*.

Em uma frase: fiz *Estudantes* para, ainda menino, pedir paz e democracia em plena ditadura, com a voz da minha turma de colégio.

Letra

Estudantes 1964

Somos estudantes, falados contestantes
Reformas para dar aos nossos governantes

Somos brasileiros, amados companheiros
De livres pretensões, da paz a explosões

Somos realistas, queremos compreensão
Daqueles que jamais tiveram compaixão

Nascemos para amar e não destruição
Queremos a paz em nossos corações

Vejam nossa bandeira de ordem e progresso
Desordem é besteira, decadência não é sucesso

Um dia a democracia virá
E verá com olhos de verdade
Que o jovem que lhe clama por amor
Também nega quando sente saudade

Mas não importa, irmão, meu coração virou teu facão
E quando fere tua pele
É sangue que canta, que joga e repele
Nas mãos o mundo em combustão
Suplica febril por uma nova canção

Fosseficarsao

Por que eu fiz esta música

Fiz quando era adolescente, no fim dos anos 60, e dá para ver a época em cada verso. É uma canção de sonho, quase de viagem, e o sonho começa no chão: *"Forro a calçada"*, *"Eu vou sonhar"*. Quem dorme na calçada e sonha *"De formiga na boca," "seca no estômago"* não está sonhando por luxo. Sonha porque é o que sobra.

Depois o sonho vira cotidiano de moleque da cidade: *"Entro num bar"*, *"Tomo café"*, *"Chupo Kibom"*. E logo escorrega para a fuga: *"Fumo LSD, LSD, depois eu vou dormir"*. Coloquei o sorvete e a droga lado a lado, na mesma fila de coisas que a gente consome para escapar.

No meio aparece o motivo de tudo: uma mulher. *"Que bacana sonhar" "E você entregar o seu corpo"*. O whisky entra para trazer essa presença de volta: *"Pois bebendo eu tenho você"*. Só que o sonho cobra. O fim junta tudo numa linha só e mostra o saldo: *"Eu bebi, eu cantei, eu fumei, eu sonhei"*, e perdi você.

O título também é jogo. Leio "Fosseficarsão" como "fosse ficar são": se eu fosse ficar são, não precisaria de tanto sonho.

Em uma frase: fiz *Fosseficarsão* para cantar o sonho como fuga, da calçada ao whisky, e o preço de perder alguém no meio da viagem.

Letra

Arrumo meus jamais
Forro a calçada
Eu vou sonhar

De formiga na boca,
seca no estômago
Eu vou sonhar

Vou sonhar, vou sonhar, vou sonhar

Entro num bar
Tomo café
Chupo Kibom
Kibom sonhar
Fumo LSD, LSD, depois eu vou dormir

Vou sonhar, vou sonhar, vou sonhar

Que bacana sonhar
E você entregar o seu corpo
Só pra mim, só pra mim

Tô sonhando, sonhando, sonhando

Traz um whisky pra mim, que eu vou beber
Pois bebendo eu tenho você
Junto a mim, junto a mim

Tô sonhando, sonhando, sonhando

Eu bebi, eu cantei, eu fumei, eu sonhei Eu perdi você, perdi você
Eu bebi, eu cantei, eu fumei, eu sonhei Eu perdi você, perdi você Perdi você

Hipocrisia Humana

"Pega na visão. Esta não é uma música para te fazer dançar, é um soco no estômago para te fazer acordar. Uma letra que odeia a burrice e o verbo vazio, um ataque direto à maioria que caminha como gado, consumindo mentiras e decorando imagens. Para quem se sente sozinho por ser consciente e está cansado do padrão. Se você não tem medo da luz que a dúvida emite, dê o play. Se tiver, talvez essa música não seja para você. A verdade dói."

"Em um mundo de narrativas prontas e opiniões vazias, pensar se tornou um ato de rebeldia. Esta canção é um desabafo, uma crítica social afiada sobre a massa que aceita, obedece e se torna produto de uma elite. É sobre a angústia de ser consciente e ver tudo com clareza, mesmo que isso signifique caminhar sozinho. Um hino para a minoria que se recusa a ser refém de uma falsa janela. Se você também se sente um descrente na hipocrisia humana, junte-se a nós. Vamos debater."

Por que eu fiz esta música

Fiz porque cansei de ver gente repetindo o que ouve sem pensar. A música começa com raiva assumida: *"Odeio a burrice e o verbo vazio,"*. E logo explico de onde vem essa omissão: *"é medo da luz, que a dúvida emite,"*. Para mim, quem não duvida tem medo de pensar.

O refrão é o meu diagnóstico: *"Pensar é pra poucos,"*. Depois vem a lista da maioria, que repete, consome, aceita e acredita *"na mentira, perfeita"*. A imagem que mais me importa é a da tela: *"a maioria é refém de uma falsa janela"*. E aponto quem ganha com isso: *"a maioria é produto da elite,"*.

O que torna esta a mais dura de todas é que eu não fico de fora. *"Eu me odeio de fato por ser consciente,"*. Enxergar tudo me deixa *"pra frente e sozinho descrente"*. E fecho incluindo todo mundo, eu junto: *"E chego a conclusão que somos sombras perdidas,"*. O "somos" é de propósito. A hipocrisia é humana, e eu sou humano.

Em uma frase: fiz *Hipocrisia Humana* para criticar a maioria que repete sem pensar e confessar a solidão e a culpa de quem enxerga.

Letra

Odeio a burrice e o verbo vazio,
quem se dá o que ouve sem ter desafio, quem vive na onda
Sem ponto final, quem pensa que é sábio, mas só faz o mal

Porque não se expõe, porque se omite,
é medo da luz, que a dúvida emite,
não pensa, não sente, não cria, não age

Só segue o padrão e decora a imagem

Pega na visão
Pensar é pra poucos,
falar é demais

a maioria, repete
não corre atras
a maioria, consome
a maioria, aceita
a maioria, acredita
na mentira, perfeita

A maioria é massa,
a maioria é gado,
a maioria caminha,
pro lado errado
a maioria, trabalha
sem nem saber pra quem

A maioria se mata
e não ganha sem,
a maioria é fiel,
ao que vê na tela,
a maioria é refém de uma falsa janela

Pega na visão
Pensar é pra poucos
viver é lutar
a maioria, só sonha pra nunca acordar
a maioria, se curva
a maioria obedece,
a maioria é produto da elite,
que enriquece ,
a maioria corrupta só quer levar vantagem,
mas no final vive presa na própria engrenagem

Ah
Eu me odeio de fato por ser consciente,
ver tudo tão claro e seguir minha mente

pra frente e sozinho descrente
E chego a conclusão que somos sombras perdidas,
uma peça vazia imbecis apócrifos da hipocrisia humana

Indeciso

Por que eu fiz esta música

Fiz sentado num banco diante do mar, e a letra começa exatamente aí: *"Deste banco sentado aprecio"*. As duas árvores na areia viram moldura de quadro, e o quadro vira poema. Logo eu brinco com a literatura brasileira: *"Andante cansado, só pode trocar" "Poema de Anchieta com romance de José de Alencar"*. Um homem cansado à beira-mar troca leitura como quem troca de lado no banco.

Depois o relógio entra na canção. *"São seis e meia, hora de relaxar"*, e o descanso tem endereço: os braços de uma mulher. Chamo por ela: *"Vem mulher inteira, o mar quer te encantar"*. E o mar mistura essa mulher com uma sereia: *"O feitiço da sereia está a nos juntar"*. Uma hora depois acaba: *"São sete e meia, hora de te deixar"*.

O nome "Indeciso" está no último verso. A sereia é metade mulher, metade peixe, e o narrador pergunta: *"Qual parte devo amar"*. No poema antigo a dúvida era clara: a parte que vive na areia ou a do mar. Na canção ficou *"A que vive meia" "ao ar do mar"*. É a indecisão entre a mulher de terra, com hora para chegar e sair, e o encanto do mar que não se segura.

Em uma frase: fiz *Indeciso* para pintar uma hora de descanso à beira-mar e a dúvida de quem não sabe se ama a mulher da areia ou a sereia do mar.

Letra

Deste banco sentado aprecio
Ao longe, ondas que vêm do mar

Duas árvores sobre areia molduram a tela
Que se assemelha a um poema
Talvez, Jurema de Alencar

Andante cansado, só pode trocar
Poema de Anchieta com romance de José de Alencar

Mas o mar me dá forças, volto a lembrar
São seis e meia, hora de relaxar
O descanso me espera, nos teus braços descansar

Vem mulher inteira, o mar quer te encantar
Senta ao meu lado e sinta no ar
O feitiço da sereia está a nos juntar

São sete e meia, hora de te deixar
Volta onda ligeira pro mar
O teu lugar

Deixa aqui areia fresca
Deixa aqui sombra humida
Essas árvores que convidam ao repouso com a sereia

Qual parte devo amar
A que vive meia
ao ar do mar

Mano

Por que eu fiz esta música

Fiz para o meu irmão, o companheiro de travessuras da infância na Água Rasa. Começo pelo Lurdinha porque é ali que está a cena que melhor o resume: *"Meu irmão no Lurdinha era quase um vigário / Cumprimentava a santa no santuário"*. E logo em seguida vem o resto dele: *"Com fé e ternura e logo depois / Tocava a loucura"*. A música inteira mora nesse vaivém entre a reza e a arte.

Daí o retrato que repito no refrão: *"É tipo pica-pau / Em forma de irmão / Mistura de anjo com lampião"*. O balão, a pipa, a fogueira e o carrinho de rolimã não estão ali como enfeite. São as brincadeiras que a gente fazia de fato com a turma da rua, com ele na frente. Quando digo *"E transforma lixo em cena encantada / Com cola, prego e piada improvisada"*, estou falando de um menino que fazia brinquedo do nada e que fazia graça até de mim: *"Faz graça com tudo, até com este poeta"*.

O fim muda de tom. *"Se Deus tiver mesmo de bom humor / Vai reservar um lugar pra meu irmão"* é a minha maneira de dizer, rindo, que um sujeito desses merece o céu, mesmo tendo aprontado tanto. E a última frase é a mais simples de todas: *"Mano, que bom que você existe"*. No presente. É uma declaração de afeto feita em vida.

Em uma frase: fiz *Mano* para dizer ao meu irmão, com o mesmo humor que ele tinha, que a infância que vivemos juntos continua viva em mim.

Letra

Para quem tem um irmão GÊNIO e BAGUNCEIRO!

Meu irmão no Lurdinha era quase um vigário
Cumprimentava a santa no santuário
Bom dia, Nossa Senhora
Com fé e ternura e logo depois
Tocava a loucura

Mestre do balão, rei da fogueira
Fazia pipa com alma guerreira
Carrinho de rolimã, era bala na agulha
E ele pilotava com riso em bolsão

É santo travesso, é arte ligeira
Com sucata e corda, faz brincadeira
Ajuda os outros com alma inteira
Depois imita todo mundo na ladeira

É tipo pica-pau
Em forma de irmão
Mistura de anjo com lampião

E transforma lixo em cena encantada
Com cola, prego e piada improvisada
Se a tristeza chega, ele desconcerta
Faz graça com tudo, até com este poeta

Fazia balão com jornal da vovó
Acendia fogueira com alma de artista
Carrinho de rolimã, era sua invenção
Descia voando feliz, sem freio de mão

Já fez a turma rir num velório
E chorou de rir no próprio auditório
Gozador nato, sem manual
Debocha da vida, sem fazer o mal

É santo travesso, é arte ligeira
Com riso nos olhos, e mão faceira
Ajuda a velhinha, engana a tristeza
Depois tira sarro da própria beleza
É tipo pica-pau
Em carne e humor
De rolimã, fogueira e amor

Meu irmão na escola fazia questão
De dar bom dia à santa com a mão
Com a outra, escondia um estilingue no bolso
Um fósforo pra fazer arte

Curtia um balão, pipa no ar
Fazia fogueira só pra observar
O fogo dançando, feito aquarela
E ele rindo com alma de novela

É santo travesso, é arte ligeira
Com riso nos olhos, e mão faceira
Ajuda a velhinha, engana a tristeza
Depois tira sarro da própria beleza

É tipo pica-pau
Em carne e humor
De rolimã, foguete e amor

Meu irmão é o pica-pau disfarçado
Metade anjo, metade danado
Faz da sucata uma arte ligeira
Constrói fantasia com lata e madeira

Com prego e um sonho na mão
Ele move o mundo e o carrinho no chão
Faz o rolimã com roda de feira
Pinta o céu com fita de bandeira

E quando alguém precisa de um abraço
É ele o primeiro a chegar no pedaço
Entre prece e traquinagem
Entre cola quente e coragem
Ele vê beleza onde ninguém vê
E ainda dá risada na hora
Do porquê meu irmão é o pica-pau encantado
Desenha esperança num muro rachado
Faz da tristeza um papel de presente
E da infância um quadro permanente

É santo travesso, é arte ligeira
Com sucata e corda, faz brincadeira
Ajuda os outros com alma inteira
Depois imita todo mundo na ladeira
Tipo pica-pau
Em forma de irmão
Mistura de anjo com lampião

Meu irmão artista de mão cheia
Com alma de santo e cabeça de ideia
Se a vida é difícil ele faz um refrão
De papel, de brinquedo, de puro coração

Se Deus tiver mesmo de bom humor
Vai reservar um lugar pra meu irmão
Lá entre a Lurdinha e um anjo bem humorado
O céu ele bagunça com seu riso debochado

"Mano, que bom que você existe"

É santo travesso, é arte ligeira
Com sucata e corda, faz brincadeira
Ajuda os outros com alma inteira
Depois imita todo mundo na ladeira
Tipo pica-pau
Em forma de irmão
Mistura de anjo com lampião

Marilena

"E se a pessoa que inspirou seu maior sonho fosse a mesma que não acreditou nele? Esta é a história de 'Marilena'. Uma canção que começa com uma promessa a um amor que partiu e se transforma em um chamado de vitória. É a jornada de um homem que, movido pela saudade, jura se tornar o cantador que ela duvidou que ele seria. Uma prova de que, às vezes, um coração partido é o que mais nos impulsiona. Aumente o som e sinta a mudança do 'vai' da despedida para o 'vem' da conquista."

"Ele sonhava em ser um cantador para ela. Ela o deixou. O que ele fez? Prometeu que o mundo inteiro ouviria seu nome. Esta música conta a história de Marilena, a musa que se tornou a força por trás de um sonho. Uma canção sobre transformar a dor da partida em determinação, e a esperança de que o sucesso possa trazer um amor de volta. Uma história de amor, saudade e superação, com um final que todos nós torcemos para acontecer."

Por que eu fiz esta música

Fiz quando era um rapaz de colégio que tocava violão e queria ser ouvido. A Marilena não existiu: inventei uma moça para poder contar uma promessa. Ela me acorda *"sonhando / De um dia eu ser um cantador"*, mas não acredita: *"Ao despertar, Marilena sorriu / Por nunca eu ser o que sonhou"*. E vai embora.

O que me interessava era a resposta do rapaz. Ele não implora para ela ficar. Ele jura: *"Vai Marilena, que um dia hei / De ser um cantador"*. A tristeza vira teimosia. Na estrofe seguinte já está fazendo planos, *"E se a sorte me fizer prevalecer / Marilena, neste mundo irei buscar"*, e imagina o dia em que *"todo o povo a cantar comigo / Fará Marilena chorar"*.

A virada do fim é uma única palavra: o "vai" vira "vem". *"Vem Marilena, vem meu amor / Vem Marilena, / que agora sou um cantador"*. Na letra, o rapaz cumpre a promessa. Na vida, a canção ganhou um festival, e mais de cinquenta anos depois voltou gravada pela Multiverso Digital. Hoje leio esta música como uma carta que o menino escreveu para o velho que eu ia ser.

Em uma frase: fiz *Marilena* para jurar, através de uma moça inventada, que um dia eu seria cantador.

Letra

Marilena me acordou sonhando
De um dia eu ser um cantador
De violão, nela me inspirando
Eu fiz umas canções de amor

Ao despertar, Marilena sorriu
Por nunca eu ser o que sonhou
Sem esperanças, Marilena partiu
Só seu nome nas canções ficou

Vai Marilena, vai meu amor
Vai Marilena, que um dia hei
De ser um cantador

O dia está perto, estou certo
De Marilena o seu sonho realizar
E se a sorte me fizer prevalecer
Marilena, neste mundo irei buscar

Vai Marilena, vai meu amor
Vai Marilena, que um dia hei
De ser um cantador

Marilena ouvirá sorrindo
O seu nome nas canções brilhar
E todo o povo a cantar comigo
Fará Marilena chorar

Vem Marilena, vem meu amor
Vem Marilena,
que agora sou um cantador

O absurdo virou normal

Por que eu fiz esta música

Fiz porque o que mais me assusta hoje é o costume. Por isso a música começa num gesto banal: *"A gente liga a TV pra ver o jornal / A absurda notícia nos parece normal"*. A reação é pequena, quase nada: *"Um riso de canto, um balançar de cabeça"*. Esse gesto me incomoda mais que a notícia.

A segunda estrofe vai para a Justiça, assunto que conheço de perto desde o escritório do meu tio. *"A deusa da balança pende pro lado forte"*, a toga *"se arrasta no chão maculada"* e as decisões ficam *"Sentenças que parecem camões dos lusíadas"*, tão rebuscadas que o povo não entende. Usei ali uma imagem que eu já tinha nas minhas frases, a da biruta: *"A venda em seus olhos é a biruta que delata o norte"*.

A pergunta que me move está na ponte: *"Quem foi que nos disse que era assim mesmo?"*. E a resposta é dura comigo também: *"E aplaudimos em pé nossa própria rendição"*. O final é irônico de propósito. *"A gente até dorme em paz... no final..."* é o retrato de quem já se acostumou, e eu não quero dormir assim.

Em uma frase: fiz *O absurdo virou normal* para cutucar a gente que já se acostumou ao absurdo e ainda dorme em paz.

Letra

A gente liga a TV pra ver o jornal
A absurda notícia nos parece normal
Um riso de canto, um balançar de cabeça
Só mais um dia na nossa vida besta
A mentira desfila em carro aberto na avenida
A honra ferida só nos causa apatia
A gente se olha, engole a seco o espanto
Afoga a revolta em mais um canto
E a narrativa corre solta unificada

E o absurdo virou lei, virou moda, virou normal
Um carimbo oficial num delírio fulgaz
Bate o martelo no tribunal da insanidade
Transitou em julgado em um só
juiz, promotor e delegado
Bem-vindos à nossa nova normalidade

A deusa da balança pende pro lado forte
A venda em seus olhos é a biruta que delata o norte
A toga se arrasta no chão maculada
Justificando o caos com jurisdição
Sentenças que parecem camões dos lusíadas
Transformam a simplicidade num lixo verbal
Com tanta frequência, a gente até se acostuma
A lógica morre, e ninguém mais a exuma

E o absurdo virou lei, virou moda, virou normal
Um carimbo oficial num delírio fulgaz
Bate o martelo no tribunal da insanidade
Transitou em julgado em um só
juiz, promotor e delegado
Bem-vindos à nossa nova normalidade

Quem foi que nos disse que era assim mesmo?
Que o grito calado era sinal de apreço?
Perdemos a linha, o prumo, a direção
E aplaudimos em pé nossa própria rendição

E o absurdo virou lei, virou moda, virou normal
Um carimbo oficial num delírio fulgaz
Bate o martelo no tribunal da insanidade
Transitou em julgado em um só
juiz, promotor e delegado
Bem-vindos à nossa nova normalidade

E o absurdo virou lei, virou moda, virou normal
Um carimbo oficial num delírio fulgaz
Bate o martelo no tribunal da insanidade
Transitou em julgado em um só
juiz, promotor e delegado
Bem-vindos à nossa nova normalidade

O absurdo é normal... tão normal...
A gente até dorme em paz... no final...
Normal...
E o absurdo virou normal...

O Tempo

Esta música é uma profunda reflexão sobre a natureza do tempo e sua influência em nossas vidas. Uma jornada poética através do passado, presente e futuro, explorando como nossas memórias, sonhos e a realidade do agora se entrelaçam. A letra questiona a percepção humana do tempo, a efemeridade dos momentos e o desejo de controlar o fluxo incessante da vida.

Por que eu fiz esta música

Esta letra nasceu de um poema meu, "Tempo", e quase não mexi nele. Quis pensar o tempo como um homem de sistemas pensa: em partes. *"O tempo, trindade absoluta, passado, presente, futuro / Duas realidades, uma ficção"*. A ficção é o futuro: *"O futuro presunção humana, guarda o imaginário"*. O passado não tem escolha, *"só lembranças"*.

O personagem principal é o presente, e eu o trato quase como um inimigo. Ele é o *"Registrador infame"*, que *"goza do autor dos sonhos"* e grava tudo *"no banco dos tolos"*. É o presente que *"Por um segundo transforma um sonho em decepção"*. Quem sonha muito, como eu, conhece essa sensação de ver o plano bonito virar outra coisa quando chega a hora.

O final é uma vontade de menino: *"Ah se houvesse um botão no presente pra pausar / Quantas pausas eu daria?"*. E a resposta tem duplo sentido, que deixei de propósito: *"Gozar, gozar / Gozaria"*. O mesmo verbo que o presente usa para zombar de mim, eu uso para aproveitar a vida.

Em uma frase: fiz *O Tempo* para brigar com o presente, que transforma sonhos em decepção, e desejar um botão de pausa para gozar a vida.

Letra

O tempo, trindade absoluta, passado, presente, futuro
Duas realidades, uma ficção
Meus olhos presenciam, transformam num instante
Fragmentos do futuro em imagens do passado
O futuro presunção humana, guarda o imaginário
O passado sem escolha, só lembranças
O presente testemunho, contraria a imaginação
Por um segundo transforma um sonho em decepção
O presente resistente, máquina do tempo
Registrador infame, goza do autor dos sonhos
Grava rapidamente no banco dos tolos
A prova
Ah se houvesse um botão no presente pra pausar

Quantas pausas eu daria?
Gozar, gozar
Gozaria

Para o meu consumo

Por que eu fiz esta música

Esta também veio de um poema meu, e ela é uma confissão de poeta. Começa com o que a poesia faz por mim: ela *"dissolve os entraves a que sou exposto"*. Escrever, para mim, é uma alquimia. Misturo coisas que não combinam, *"A pedra, o fogo e o verbo misturo, / nasce a poção que contém o vírus"*.

O meio do poema é uma lista de acusações, contra o mundo e contra a própria poesia. *"A poesia inumana que mumifica a mesmice / é a inteligência da própria burrice"*. Falo de *"incomunicabilidade humana"*, de *"conspiração da mediocridade"*, de *"Malabarismo diabólico da razão"*. São frases curtas, quase verbetes, do jeito que escrevo as minhas frases de filosofia.

O golpe fica para o fim. *"A magia que pensei haver nos meus versos, / serviu apenas para o meu consumo."* É uma frase de desconfiança. Quem escreve a vida inteira se pergunta, uma hora, se alguém leu. A resposta do poema é que a poesia serviu ao menos para quem escreveu. Talvez seja isso que ela tem de mais honesto.

Em uma frase: fiz *Para o meu consumo* para admitir que a magia dos meus versos talvez tenha servido, antes de tudo, a mim mesmo.

Letra

Para o meu consumo

A alquimia poética a que me sujeito,
dissolve os entraves a que sou exposto.

Dela extraio a essência na tolice e a simplicidade na tolerância.
Na magia compreendo, a visão múltipla da cegueira em que se vê o mundo.

A pedra, o fogo e o verbo misturo,
nasce a poção que contém o vírus.

Contamina a linguagem do ofício,
incomunicabilidade humana.

A poesia inumana que mumifica a mesmice
é a inteligência da própria burrice.

Sandice alcoólica da suprema desigualdade,
conspiração da mediocridade.

Metáfora de um espaço fechado,
contrário do lugar comum.

Malabarismo diabólico da razão,
malícia humana do subterfúgio.

Anomalia psicológica,
independência química.

A magia que pensei haver nos meus versos,
serviu apenas para o meu consumo.

Parar o tempo

Por que eu fiz esta música

Se *O Tempo* é filosofia, esta é queixa. O tempo aqui é *"cruel e às vezes preciso"*, *"fera que não se toma"*. Escrevi a sensação de que ele não deixa nem viver o momento: *"Tento viver o agora, mas ele já virou depois"*.

O centro da música não é o relógio, são as pessoas. A virada vem numa linha só: *"Como amizade que escapa virando desculpa"*. E a desculpa vem logo depois, na voz de qualquer um de nós: *"Desculpe não deu, não tive tempo"*. Essa frase é o que a gente diz quando não vai, não liga, não aparece. E o tempo usa essa frase para nos afastar: *"Tempo dissimulado, afasta e apaga / Os amigos que tive um dia"*.

Há também raiva, coisa rara nas minhas letras sobre o tempo. *"Quero escorrer-te num ralo sem fundo / Me livrar de ti"*. Mas logo admito que sou servo dele e não me revolto. O último verso é uma contradição que guardo comigo: *"E Eu não tenho tempo nem pra ausência"*. Nem para sentir falta sobra tempo.

Em uma frase: fiz *Parar o tempo* para lembrar dos amigos que o "não tive tempo" foi apagando da minha vida.

Letra

O tempo é cruel e às vezes preciso
Quando penso já foi e nunca mais reviso
É fera que não se toma,
relâmpago que some

Não se toca, não se vê, mas tudo consome
Tento viver o agora, mas ele já virou depois
O tempo é só um sopro entre nós dois
Fração tão breve que o mundo inteiro se nega

Num suspiro ele passa e o que era já não se vê
Tempo curto, tempestivo
Sou teu servo, teu adido, mas não me revolto

Quero escorrer-te num ralo sem fundo
Me livrar de ti
Tempo que não pede licença
Avança, crava e dilacera

Como amizade que escapa virando desculpa

Desculpe não deu, não tive tempo

Tempo dissimulado, afasta e apaga
Os amigos que tive um dia
Momentos preciosos que só quem sente percebe a ironia
O tempo leva a alegria, o afeto e a poesia
E Eu não tenho tempo nem pra ausência

Poeta

Por que eu fiz esta música

Esta é a música da timidez. Ela nasceu de um poema meu que terminava em *"Poeta, Pato, Patético"*, e é a história de quem deseja e não consegue chegar. *"Te desejo, mas me calo"*. O olhar da outra pessoa diz tudo, *"E me impede de avançar"*.

A frase que mais me pega é *"Meu silêncio é tua conta"*. Quem cala paga, e quem é olhado nem sabe da dívida. O conflito está todo em dois versos: *"O desejo vai à frente / Mas o corpo é resistente"*. A cabeça quer, o corpo trava.

E aí entra o poeta, rindo de si mesmo. Em vez de agir, ele escreve: *"E o poeta meio louco / Só escreve, só se engasga / Só se afunda / Pouco a pouco"*. É uma crítica ao próprio ofício. O poema vira um jeito de não fazer. Por isso o fecho é uma piada com três palavras que vão descendo de valor: poeta, pato, patético. Prefiro rir do tímido a ter pena dele.

Em uma frase: fiz *Poeta* para rir do poeta tímido que escreve sobre o desejo em vez de ir atrás dele.

Letra

"Meu silêncio é tua conta."

Poeta

Teu olhar me atravessa
Como onda que não cessa
Me diz tudo sem falar
E me impede de avançar

Te desejo, mas me calo
Tenho medo e não me abalo
Fico preso nesse cais
Onde os sonhos voltam mais

Você passa e me desmonta
Meu silêncio é tua conta
Teu sorriso me balança
Mas me falta esperança

O desejo vai à frente
Mas o corpo é resistente
A vontade se afoga

E a coragem não me joga
Me afogo no teu olhar
Sem saber como chegar
E o poeta meio louco
Só escreve, só se engasga
Só se afunda
Pouco a pouco

Você passa e me desmonta
Meu silêncio é tua conta
Teu sorriso me balança
Mas me falta esperança
O desejo vai à frente
Mas o corpo é resistente
A vontade se afoga
E a coragem não me joga
Me afogo no teu olhar
Sem saber como chegar
E o poeta meio louco
Só escreve, só se engasga
Só se afunda
Pouco a pouco

Reggae Cansado

Mergulhe em uma jornada de cansaço e redenção, onde o corpo pesa mas a alma queima. Esta canção é um retrato da dualidade entre a exaustão da vida e a força avassaladora de um amor que cura, que prende e que incendeia. Uma melodia que nos lembra que, mesmo perdidos na encruzilhada da vida, é no calor de um abraço que encontramos nossa leveza e aprendemos a amar de verdade.

Esta música fala sobre encontrar refúgio e paixão nos braços de alguém especial, mesmo quando o cansaço parece tomar conta. Uma letra que explora a confusão, a esperança e o poder de um amor que transforma a exaustão em desejo. Deixe-se levar por essa história de amor e fogo que nunca se apaga.

Por que eu fiz esta música

Esta letra é cantada por uma mulher, e começa pelo corpo: *"Ando tão cansada, minhas pernas são rebeldes, birutas ao vento / Uma quer o leste, a outra o oeste"*. É um cansaço com humor. As pernas brigam entre si, mas o caminho tem destino.

O destino é ele: *"Penso em desistir, mas ele me espera no portão"*. A frase que mostra a graça da música é *"Paro, porque não sou atleta, mas sou toda fogo quando estou com ele"*. O corpo pede descanso e a alma pede o contrário. *"Descanso, corpo cansado, mas a alma queima no abraço"*.

Escrevi o amor como remédio para o cansaço: *"No silêncio do seu beijo, todo cansaço vira desejo"*. E o fim promete algo que dura: *"Num fogo que nunca, nunca se apaga"*. Lida por alguém da minha idade, é uma música sobre amor que continua quando as pernas já não ajudam tanto. Escolhi o reggae porque o ritmo é lento, do tamanho desse passo cansado.

Em uma frase: fiz *Reggae Cansado* para cantar o amor que acende a alma mesmo quando o corpo já está cansado.

Letra

Ando tão cansada, minhas pernas são rebeldes, birutas ao vento
Uma quer o leste, a outra o oeste
E elas não se entendem mais
Eu só penso nele, depois de tanto errar acerto
Passo no escuro, mas sigo perdida
Na encruzilhada da vida
Onde o medo beija a esperança

Penso em desistir, mas ele me espera no portão
Naquela casa onde arde o meu coração
Paro, porque não sou atleta, mas sou toda fogo quando estou com ele
Descanso, corpo cansado, mas a alma queima no abraço
Mas que me cura e me prende, mesmo que o corpo pese
É no calor do seu peito, que encontro minha leveza
Na curva dos seus braços, me perco, me acho, me quebro
No silêncio do seu beijo, todo cansaço vira desejo
E sigo mesmo sem rumo, porque no balanço dos seus passos
É com ele que aprendo a amar

Amar de verdade, paixão que invade
Dissolve o cansaço, incendeia o espaço
Desce no silêncio um abraço escasso
Onde o sonho arde e o peito arrebata
Num fogo que nunca, nunca se apaga

Regina

Por que eu fiz esta música

Fiz porque minha irmã foi embora cedo demais, e o que eu tinha para dizer a ela não cabia numa conversa. Por isso começo assim: *"eu vim lhe dizer o que o canto não diz"*. É um paradoxo de propósito. Uso a canção para dizer o que nem a canção consegue dizer. É uma carta para quem não pode mais responder.

"Eu vim lhe dar o prazer de ouvir as coisas que fiz" é o irmão que quer mostrar à irmã o que fez da vida. É o que a gente faz com quem ama: "olha só o que eu fiz". Ela não está mais aqui para ver, então eu canto.

"Regina, pede passagem, não deixe a vida morrer" é o pedido de quem não aceita a perda. *"Que a morte é uma viagem que a vida não pode ter"* traz uma ideia forte: a morte é a única viagem que a vida não faz junto.

O trecho mais pessoal é *"Regina, eu lhe falei, você não quis me ouvir"*. Tem ali uma conversa que ficou para trás: um conselho, um aviso, alguma coisa que eu disse e ela não seguiu. E vem logo a honestidade: *"que vida é vida eu sei, mas que adianta mentir"*.

O verso que define a música inteira é *"Meu canto é reza descrente, não posso mais rezar não"*. A fé ficou abalada, e a canção virou a única oração que me sobrou. Mesmo assim termino com esperança: *"um dia hei de te ver, sentada ao lado de Cristo, aí nós vamos viver"*. É a contradição de quem não consegue mais crer, mas não consegue deixar de esperar. O luto não é coerente, e a letra também não é.

Em uma frase: fiz *Regina* para continuar conversando com minha irmã, com a única voz que o luto me deixou, a do canto.

Letra

Regina, eu vim lhe dizer
o que o canto não diz

Eu vim lhe dar o prazer
de ouvir as coisas que fiz

Regina, pede passagem,
não deixe a vida morrer
Que a morte é uma viagem
que a vida não pode ter

Regina, eu lhe falei,
você não quis me ouvir
Que vida é vida eu sei,
mas que adianta mentir

Regina, guarde na mente,
no fundo do coração
Meu canto é reza descrente,
não posso mais rezar não

Mas fique certa, disso,
um dia hei de te tiver
Sentada ao lado de Cristo,
aí nós vamos viver

Rock do Vírus

Por que eu fiz esta música

Passei a vida com computadores e já fiz software contra vírus, então este assunto é de casa. A letra vem do meu poema "Vírus". O vírus aqui é de computador, mas cresce: é uma *"Praga globalizada que infesta palavras, frases, ideias"*. Começo com a cena que todo mundo já viu: *"Clica o seu mouse na tela, bum, pau / Lá se foi o micro dela"*.

Depois a música vira filosofia. *"A criação com defeito de um homem perfeito / Produz como um feito, a Deus quer se igualar"*. O homem quer brincar de Deus e o defeito vai junto. E não tem volta: *"E como o defeito tá feito, não tem jeito / Outros homens vão criar"*.

Usei uma palavra que inventei para as minhas frases, a infernática, mistura de informática com inferno: *"Que a infernática pariu no norte da América / Um monstro vil que a todos fascina"*. O vírus fascina porque é invisível e *"retalha sem distinção"*. O fecho é o meu julgamento: *"A obra tola dos homens"*. Escrevi como alguém que ajudou a construir essa tecnologia e por isso sabe que o defeito sempre vem junto.

Em uma frase: fiz *Rock do Vírus* para mostrar que o vírus de computador é o retrato do homem que quer ser Deus e cria com defeito.

Letra

Aqui vai uma toalha embalada na onda dos vírus
Praga globalizada que infesta palavras, frases, ideias
Vem sorrateiro infecta, exclui e dissemina
Deixa uma mina cibernética, infernática, frenética
Na curiosidade estética que o e-mail induz
Clica o seu mouse na tela, bum, pau
Lá se foi o micro dela

A criação com defeito de um homem perfeito
Produz como um feito, a Deus quer se igualar
E como o defeito tá feito, não tem jeito
Outros homens vão criar

Um vírus perfeito pra humanidade pensar
Que a infernática pariu no norte da América
Um monstro vil que a todos fascina
Faxina global que o mal se espalha,
invisível e retalha Sem distinção
A obra tola dos homens

Praga globalizada que infesta palavras, frases, ideias
Vem sorrateiro infecta, exclui e dissemina
Deixa uma mina cibernética
E a infernática, frenética, e a infernática

E a criação com defeito de um homem perfeito
Produz como um feito, a Deus quer se igualar
E como o defeito tá feito, não tem jeito
Outros homens vão criar

Um vírus perfeito pra humanidade pensar
Que a infernática pariu no norte da América
Um monstro vil que a todos fascina
Faxina global que o mal se espalha,
invisível e retalha sem distinção
A obra tola dos homens

A infernática pariu no norte da América
Um monstro vil que a todos fascina
Faxina global que o mal se espalha, invisível e retalha
Sem distinção
A obra tola dos homens

Vida

Por que eu fiz esta música

Esta letra é cantada por uma mulher que olha para trás. Comecei personificando a vida como uma velha: *"Vida, essa senhora cansada / Que acorda e não diz nada"*. Ela passa na calçada *"E ri do meu passo lento"*. A primeira confissão é de quem envelheceu: *"Eu que fui jovem e valente / Jurei domar o tempo"*.

Depois vem a parte mais crua. A personagem procurou consolo no corpo, *"No gozo breve e barato"*, e um amor atrás do outro: *"Outro, mais outro e mais outro / E depois, só o vazio na alma"*. O coração dela fica para trás, *"Coração vira anedota"*.

O verso que segura a música é uma pergunta sobre o desejo: *"Buscar em carne divina / O que é sede espiritual"*. Ela sabe que procura no lugar errado e procura mesmo assim, porque *"a volúpia é tão voraz"*. O fim é seco e não consola ninguém: *"Morre como nascia / Do nada, simplesmente do nada"*. Escrevi sem julgar a personagem. Quis mostrar o vazio de quem trocou o amor pelo prazer.

Em uma frase: fiz *Vida* para dar voz a uma mulher que buscou no corpo o que era sede da alma e chegou à velhice com o vazio.

Letra

Vida, essa senhora cansada
Que acorda e não diz nada
Que passa por mim na calçada
E ri do meu passo lento

Eu que fui jovem e valente
Jurei domar o tempo
Mas hoje conto nos dedos
As horas que me sustentam

Busquei consolo no corpo
No gozo breve e barato
Amor, só um retrato
Que pendurei no meu quarto

E vieram um outro e mais outro
Que deixaram perfume, sombra
E a solidão que desponta
Quando o lençol se desmonta

Outro, mais outro e mais outro
E depois, só o vazio na alma
Coração que desaprova
E o prazer que me sufoca

Às vezes penso que é sina
Ou castigo divinal
Buscar em carne divina
O que é sede espiritual
Mas a alma é tão miúda
E a volúpia é tão voraz
Que me lanço nessa ajuda
Que me sacia e nada mais

Sou a mesma a cada dia
Me afogo em amizades
Pra calar essa agonia
De cantar o amor por guia
Que nos beija e desafia

Amor, mais outro e mais outro
E depois, o corpo se solta
Coração vira anedota
E a paixão toma nota

Sacia o corpo sacia
Morre como nascia
Do nada, simplesmente do nada

Letras de Transgredindo II

Álbum da banda Multiverso Digital, músicas feitas com IA

A mão que eu soltei

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para pagar uma conta comigo mesmo. A cena de abertura já entrega quem é o culpado: *"Não vim cobrar nenhuma conta / Quem jogou fora fui eu"*. O sujeito vê a mulher que perdeu com outro e, em vez de brigar, assume a culpa na frente de todo mundo.

O que me pega é a ideia do manual. Ele entrega ao novo homem um modo de usar a mulher que ele mesmo não soube ler: *"Ela tem medo de trovão / Mas disfarça de coragem"*, *"Repara quando ela fica quieta / É ali que mora a mensagem"*. Quem escreve isso aprendeu tarde a prestar atenção. Cada conselho é uma confissão do que ele deixou de fazer.

A ponte diz como o amor acaba quando ninguém está olhando: *"O amor não vai embora de repente / Vai saindo devagar, cansado"*. Essa frase é de quem já viveu bastante para saber que separação raramente é um estrondo.

E tem o final, que é a parte mais humana e menos nobre: *"Abre a porta devagar / Que eu ainda sei o caminho de lá"*. Depois de toda a generosidade, ele deixa uma fresta para voltar. Leio aí a contradição de propósito: o homem que abre mão e não consegue abrir mão de vez.

Em uma frase: fiz *A mão que eu soltei* para admitir que perdi alguém por distração e, mesmo assim, deixar a porta encostada.

Letra

Te vi com ela na esquina
Com o riso que já foi meu
Não vim cobrar nenhuma conta
Quem jogou fora fui eu

Engoli seco, olhei pro chão
Fiz de conta que não doeu
Mas antes de virar a página
Escuta o que o tempo me ensinou

Segura a mão que eu soltei
Não deixa ela escapar
Ela gosta de amor sem pressa
E de alguém que saiba escutar
Segura a mão que eu soltei
Do jeito que eu não soube segurar

Ela tem medo de trovão
Mas disfarça de coragem
Repara quando ela fica quieta
É ali que mora a mensagem

Não promete o que não cumpre
Promessa ela já ouviu
De um sujeito distraído
Que só viu quando ela partiu

Segura a mão que eu soltei
Não deixa ela escapar
Ela gosta de amor sem pressa
E de alguém que saiba escutar
Segura a mão que eu soltei
Do jeito que eu não soube segurar

Eu tinha o mundo na palma da mão
E fiquei olhando pro lado
O amor não vai embora de repente
Vai saindo devagar, cansado

E se um dia você descobrir
Que o teu peito não tem lugar
Não deixa ela na chuva
Não deixa a luz se apagar
Abre a porta devagar
Que eu ainda sei o caminho de lá

Segura a mão que eu soltei
Segura a mão que eu soltei
Do jeito que eu não soube segurar

Dentro de Mim

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para falar do corpo que reage antes da cabeça. Ela começa com o mundo parando: *"Você chega e o mundo para"*, e logo o narrador confessa que todo o ensaio foi inútil: *"Some tudo o que eu ensaiei / Quando você sorri assim"*.

O pré-refrão tem a ironia que mais gosto: *"Podia ser tão simples / É só dizer \"fica\""*. Ele sabe a palavra, sabe que é curta, e não diz. Em vez de dizer, a pessoa amada mora nele sem pedir licença: *"Eu apago a luz e você acende"*. Esse verso resume a insônia de quem está apaixonado.

O terceiro verso traz um detalhe muito preciso: *"Cada abraço de despedida / Dura um segundo a mais / E eu conto esse segundo"*. Quem conta segundos de abraço está vivendo de migalhas e sabe disso. Logo depois a letra muda de temperatura e assume o desejo sem rodeio: *"Eu quero um amor animal / Daquele que arrepia"*.

A ponte vira a culpa para dentro: *"Não é você, sou eu / É meu peito que dispara"*. E o fim deixa claro que o desejo também é físico: *"Quero esse gozo eterno"*. Leio a música como uma paixão que vai do tímido ao carnal sem pedir desculpas.

Em uma frase: fiz *Dentro de Mim* para contar como uma paixão ocupa a gente por dentro, da timidez ao desejo.

Letra

Verso 1
Você chega e o mundo para
Fala baixo e faz tremor em mim
Some tudo o que eu ensaiei
Quando você sorri assim

Verso 2
Eu queria ser normal
Não perder a linha quando passa
Mas você passa
E eu fico assim
Tremendo dentro de mim

Pré-refrão
Eu sei, eu sei
Podia ser tão simples

É só dizer "fica"
É só dizer

Refrão
Mas você fica dentro de mim
Toda noite, toda noite
Eu apago a luz e você acende
E não sai de mim, não sai de mim
Eu juro que tentei esquecer
Mas aqui quem manda é você
Você fica dentro de mim
Bem dentro de mim
Coladinho assim

Verso 3
Cada abraço de despedida
Dura um segundo a mais
E eu conto esse segundo
Como quem guarda um sinal
Eu quero um amor animal
Daquele que arrepia
Que me pega de noite
E não larga de dia

Pré-refrão
Eu sei, eu sei
Podia ser tão simples
É só dizer "fica"
É só dizer

Refrão

Ponte
Não é você, sou eu
É meu peito que dispara
Não é você, sou eu
E eu não queria nem mudar
Fica aí
Fica aí

Não descola
Fica aí pra sempre
Nesse quentinho da gente

Refrão final
Você fica dentro de mim
Toda noite, toda noite
Eu apago a luz e você acende
E não sai de mim, não sai de mim
E se for pra ficar assim
Fica dentro de mim
Bem dentro de mim
Coladinho assim
Quentinho em mim

Quero esse gozo eterno
Dentro de mim
Pra sempre

Você nem sabe

Por que eu fiz esta música

Esta tem cara de diário de adolescente, e acho que é exatamente isso. Começa com o exagero que só o primeiro amor permite: *"Eu cruzo montanhas, vales e rios / só pra ver você."* Ninguém de 40 anos escreve assim sem rir. Um menino escreve.

O cenário é de bairro e de família: *"Domingo eu acordo cedo, / domingo é dia de missa."* Ele senta no fundo e reza para ser visto, e solta a melhor tirada da letra: *"Deus até já tem pena de mim."* Leio a missa como o único lugar onde ele tinha certeza de encontrar a menina.

Depois vem a mãe, com a sabedoria de sempre: *"Minha mãe diz que isso passa, / que é coisa da idade."* E a resposta do filho, dramática e engraçada ao mesmo tempo: *"a idade vai me matar."* Esse diálogo diz muito sobre a idade de quem escreveu.

A estrofe da dor é a mais simples e a mais verdadeira: *"Eu sorri, falei oi, fui embora, / e chorei toda noite até o dia."* E o refrão fecha o segredo no título: *"E você nem sabe."* O amor inteiro existe só de um lado, e a música é o lugar onde ele finalmente fala. O final promete: *"Um dia você vai saber, / nem que eu tenha que dizer."* Talvez a canção seja esse dia.

Em uma frase: fiz *Você nem sabe* para dizer, em música, o que o menino apaixonado nunca disse em voz alta.

Letra

Eu cruzo montanhas, vales e rios
só pra ver você.
Eu não durmo, eu não como,
eu não penso em outra coisa — só em você.

Domingo eu acordo cedo,
domingo é dia de missa.
Eu sento lá atrás, no fim,
e rezo pra você me achar.
Deus até já tem pena de mim.

Minha mãe diz que isso passa,
que é coisa da idade.
Se isso é coisa da idade,
a idade vai me matar.

Meu amor por você é de um jeito
que não cabe dentro de mim.
Por você eu daria a minha vida,
e acharia pouco.
Meu amor por você é de um jeito
que ninguém vai entender.
E você nem sabe.
Você nem sabe.

Ontem você passou abraçada
com um cara que eu não conhecia.
Eu sorri, falei oi, fui embora,
e chorei toda noite até o dia.

E mesmo assim, se você me chamar,
largo tudo e vou te encontrar.
Se um dia você precisar de mim,
te encontro seja lá onde for.

Minha mãe diz que isso passa,
que é coisa da idade.
Se isso é coisa da idade,
a idade vai me matar.

Meu amor por você é de um jeito
que não cabe dentro de mim.
Por você eu daria a minha vida,
e acharia pouco.
Meu amor por você é de um jeito
que ninguém vai entender.
E você nem sabe.
Você nem sabe.

É um sentimento que invade
e toma conta de mim.
Eu não tenho controle:
ele chega sorrateiro,
me domina, me enfeitiça —
e me deixa desse jeito.

Meu amor por você é de um jeito
que não cabe dentro de mim.
Um dia você vai saber,
nem que eu tenha que dizer.

Você nem sabe.
Mas é assim que eu te amo.

Garota da chuva

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para guardar um encontro que talvez nem tenha acontecido. Tudo é muito concreto no começo: *"Fim de tarde, céu de chumbo, ponto de ônibus lotado"*, uma moça com *"um livro velho, o cabelo encharcado"*. São detalhes de quem observa gente na rua.

O refrão do tempo parado diz o que a cena faz: *"O relógio esqueceu de andar!"* E logo vem a prova mais divertida da letra: *"O ônibus passou três vezes e a gente nem notou"*. Gosto da moça dando lição ao narrador apressado: *"calma, seja feliz"*. Leio aí um homem que precisava ouvir isso.

Depois a música vira mistério. A chuva para, o banco fica vazio, sobra *"o livro com a página marcada / E um bilhete: \"até amanhã\"!"*. O narrador não quer resolver o enigma: *"Se foi sonho ou verdade, eu nem quero saber"*. Prefere esperar a próxima tempestade: *"Chove só pra te rever!"*

Leio a canção como um elogio ao acaso e às pausas que a pressa não deixa a gente viver. E a inversão *"Faz verão na contramão!"* resume: a alegria apareceu justo no dia cinzento.

Em uma frase: fiz *Garota da chuva* para celebrar um encontro de ponto de ônibus que parou o relógio, real ou sonhado.

Letra

Fim de tarde, céu de chumbo, ponto de ônibus lotado
Ela lendo um livro velho, o cabelo encharcado
Fechou a página dobrada no meio de uma frase
E me olhou como quem guarda um segredo em cada fase

O relógio esqueceu de andar!
O relógio esqueceu de andar!

Garota da chuva, deixa eu te levar
Pela rua molhada até o sol voltar
Teu sorriso acende o ponto e a estação
(Uh-uh) Faz verão na contramão!

Dividimos o mesmo banco, o mesmo pingo no nariz
Ela riu da minha pressa, disse: "calma, seja feliz"
O ônibus passou três vezes e a gente nem notou
Cada carro que espirrava água, a tarde que mudou

O relógio esqueceu de andar!
O relógio esqueceu de andar!

Garota da chuva, deixa eu te levar
Pela rua molhada até o sol voltar
Teu sorriso acende o ponto e a estação
(Uh-uh) Faz verão na contramão!

A chuva parou de repente (era ela?)
O banco vazio ao meu lado (foi embora?)
Só o livro com a página marcada
E um bilhete: "até amanhã"!

Garota da chuva, volta pra me achar
Todo dia eu espero o céu desabar
Se foi sonho ou verdade, eu nem quero saber
(Uh-uh) Chove só pra te rever!

(Garota da chuva!) Faz verão!
(Garota da chuva!) Na contramão!

Gelo da Lua

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para falar de quem se encanta com um brilho que não aquece. A voz é de uma mulher, e a imagem central é astronomia pura: *"A Lua acende e não aquece, / a luz dele é toda emprestada."* A Lua só reflete a luz do Sol. O homem da letra também.

O erro dela está dito sem rodeio: *"Eu confundi chama com ardor, / e queimei numa coisa apagada."* E a música não deixa ela posar de vítima ingênua: depois do primeiro *"Eu fui."*, vem *"Eu fui de novo."* Leio nessa repetição a parte mais honesta da letra, a de quem sabe e volta mesmo assim.

As outras imagens seguem a mesma ciência: *"Mostrava sempre a mesma face, / o outro lado eu nunca vi."* A Lua puxa a maré sem encostar: *"Todo o mar em mim subia / só de ele passar."* E a mais dura: *"Lá não tem ar, então não tem som — / eu chamei, ele não ouviu."* No vácuo ninguém ouve grito. Aí a moça que *"era rio"* seca.

O fecho volta ao começo e troca o quentinho pelo gelo no coração. Leio a música como o retrato de um sedutor frio, contado por quem se queimou nele.

Em uma frase: fiz *Gelo da Lua* para mostrar, com a física da Lua, o encanto de alguém que brilha e não aquece.

Letra

Todo beijo é quentinho,
mas alguns são frios.
O dele vinha devagar,
caprichado, sedutor —
e era um gelo da Lua.

A Lua acende e não aquece,
a luz dele é toda emprestada.
Eu confundi chama com ardor,
e queimei numa coisa apagada.

E ninguém me avisou,
ninguém me disse nada.
Eu fui.

Era um gelo da Lua!
De longe eu via fogueira.
Cheguei perto pra me aquecer,

voltei tremendo —
a noite inteira.

Mostrava sempre a mesma face,
o outro lado eu nunca vi.
Fiquei um tempo de luneta
inventando o que não tinha ali.

E puxava a minha maré
sem precisar encostar.
Todo o mar em mim subia
só de ele passar.

E ninguém me avisou,
ninguém me disse nada.
Eu fui de novo.

Era um gelo da Lua!
De longe eu via fogueira.
Cheguei perto pra me aquecer,
voltei tremendo —
a noite inteira.

Lá não tem ar, então não tem som —
eu chamei, ele não ouviu.
Lá não tem ar, então não tem chuva —
e eu, que era rio, sequei.

Era um gelo da Lua!
De longe eu via fogueira.
Cheguei perto pra me aquecer,
voltei tremendo —
a noite inteira.

Todo beijo é quentinho.
Só o dele que não.
É um gelado na boca,
e um gelo no coração.

A caminho do êxtase

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para escrever o amor físico sem vergonha e sem grosseria. A primeira linha já pede luz suficiente para ver o outro: *"Apaga a luz, mas deixa um fio / Quero ver no teu rosto o que vem"*. O interesse é no rosto, na reação, e não só no corpo.

A palavra que governa tudo é *"Devagar"*. A letra repete isso como quem ensina: *"Que o teu corpo me ensina a hora"*. E transforma o beijo em conversa: *"Cada beijo é uma pergunta / E você responde me olhando"*. Leio aí a ideia de que o prazer é um diálogo, com perguntas e respostas.

A música é dividida entre *(Ele)* e *(Ela)*, e as duas vozes têm o mesmo peso. Ela fala do próprio desejo com a mesma franqueza dele: *"A tua língua me desatina / Me deixa louca, me desmancha"*. Gosto de que a mulher não é só objeto da cena.

O pedido mais bonito do refrão é *"Não me devolve pra mim"*. Quem diz isso quer se perder no outro por um tempo. E a imagem *"O teu corpo é uma cidade / (Ela) E eu te deixo entrar"* fecha a ideia de convite, de entrega consentida. Leio a canção como um elogio à lentidão num mundo apressado.

Em uma frase: fiz *A caminho do êxtase* para cantar o sexo como encontro lento, a duas vozes, sem pressa nem pudor.

Letra

Apaga a luz, mas deixa um fio
Quero ver no teu rosto o que vem
A tua mão no meu ombro
E a minha pele já sabe
Antes de mim
Antes de tudo
Um arrepio sobe e avisa
Que hoje a noite é sem relógio, sem medida

Começo pela tua boca
E demoro ali sem pressa
Depois desço pelo pescoço
E a seguir o que a blusa escondia
Cada beijo é uma pergunta

E você responde me olhando
A tua nuca me ensina
Que esse caminho não tem fim

Devagar
Como quem aprende no silêncio
Devagar
Que o teu corpo me ensina a hora
Devagar
Quero sentir este momento
Do êxtase eternizar

E a noite faz o nosso encontro
Do tamanho exato de nós dois
A gente se completa no escuro
E se acha pele na pele
Um com o outro
Meu coração bate no teu peito
E o teu bate dentro de mim
Fica assim, fica assim
Não me devolve pra mim
(Ela) Tão inteira e tão desfeita
(Ela) Extasiada

Tua boca nos meus seios
Explora o meu contorno
A tua mão desce a curva
Das costas até o quadril
E eu vou ficando sem nome
Cada célula acordando
Como quem avista o prazer
Sou um arrepio inteiro
E a gente nem começou

Devagar
Como quem aprende no silêncio
Devagar
Que o teu corpo me ensina a hora
Devagar
Quero sentir este momento
Do êxtase eternizar

E a noite faz o nosso encontro
Do tamanho exato de nós dois
A gente se completa no escuro
E se acha pele na pele
Um com o outro
Meu coração bate no teu peito
E o teu bate dentro de mim
Fica assim, fica assim
Não me devolve pra mim
(Ela) Tão inteira e tão desfeita
(Ela) Extasiada

(Ele) Desço devagar por ti
Até onde o tempo não chega
E bebo da tua fonte
Como quem bebe na sede
(Ela) A tua língua me desatina
Me deixa louca, me desmancha
Eu já não respondo por mim
(Ela) E eu te levo à minha boca
Com a mesma fome que é tua
(Ele) Corre um mel que é só teu
(Ela) E vira doçura na minha língua
(Juntos) A boca aprende o que o olho não sabe
A língua escreve no escuro
Um nome que ninguém soletra
E o corpo inteiro se entrega
Ao milagre da paixão

(Ele) O teu corpo é uma cidade
(Ela) E eu te deixo entrar
(Ele) E entro em ti devagar
Como quem chega e reconhece
(Ela) E eu me abro e te recebo
Num suspiro que não cabe em mim
(Ela) Num suspiro que é o corpo inteiro
Dizendo sim sem precisar falar
(Ele) Vou por dentro de ti
Onde nenhum mapa chegou
(Ela) E cada passo teu em mim

Acende o que eu não sabia
(Juntos) Sobe, sobe, sobe
Como maré que não recua
Cada célula acesa
Cada célula tua
Não acaba, não acaba
Eu não quero despertar

E a noite faz o nosso encontro
Do tamanho exato de nós dois
A gente se completa no escuro
E se acha pele na pele
Um com o outro
Meu coração bate no teu peito
E o teu bate dentro de mim
Fica assim, fica assim
Não me devolve pra mim
(Ela) Tão inteira e tão desfeita
(Ela) Extasiada

Devagar
Devagar
Enquanto durar a noite
A eternizar nosso êxtase
Fica assim
Dentro de mim
Não me devolve pra mim

Século XXI

Por que eu fiz esta música

Esta é uma das letras antigas, e acho que nasceu do jovem que olhava o mundo e não gostava do que via. O refrão é uma pergunta sem resposta: *"Estamos no século vinte e um: / quem acordou vai viver?"* Leio "acordar" como abrir os olhos, e a dúvida é se quem abre os olhos aguenta viver nesse mundo.

A crítica passa pela cultura: *"a música é sexy e deprimente, / como um lindo palavrão."* Passa pela imprensa: *"a morte é anúncio banal"*. E pela solidão: *"Os homens não se encontram / e se procuram lá no céu"*. Leio aqui a corrida espacial e a gente perdida na Terra, cada um no seu papel.

Tem uma ironia boa com a arte: *"e todos choram por Beethoven, / que segue vivo, imortal."* O que vale fica; o choro é que é passageiro.

A estrofe mais datada é a da mulher *"que se diz sã"*, chamada de *"avançadas de hoje / e perdidas de amanhã"*. Leio aí o olhar de um rapaz daquela época diante das mudanças de costume, um olhar que hoje soa conservador. O fim tem esperança: *"mas haverá mundos escondidos / nos lugares onde irei."*

Em uma frase: fiz *Século XXI* para perguntar se dá para viver acordado num mundo que eu já achava perdido.

Letra

Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?
Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?

Na tela vemos um foguete,
Cinemascôpe e confusão;
a música é sexy e deprimente,
como um lindo palavrão.

A lua esconde-se da Terra,
não consegue acreditar
que há tanta asneira nela,
que viraliza sem parar.

Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?
Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?

Os homens não se encontram
e se procuram lá no céu;
na Terra andam perdidos,
cada um no seu papel.

Nas manchetes dos jornais,
a morte é anúncio banal;
e todos choram por Beethoven,
que segue vivo, imortal.

Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?
Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?

Todos eles aprovam
a mulher que se diz sã:
são as avançadas de hoje
e perdidas de amanhã.

O mundo está perdido,
procurei-o e não achei,
mas haverá mundos escondidos
nos lugares onde irei.

Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?
Estamos no século vinte e um:
quem acordou vai viver?

Quem acordou vai viver?

Menina

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para guardar o amor de janela, o mais tímido de todos. A cena é mínima: *"Saio na janela, / dou de cara com ela"*. Ele pergunta aonde ela vai, e a resposta dói: vai se encontrar *"com seu amorzinho"*.

O narrador não faz nada com isso. Fecha a janela e espera o dia seguinte: *"Dormindo, espero outro dia / pra ver a mesma menina"*. Ela passa *"pra lá e pra cá"*, *"sem saber da minha agonia"*. Leio aqui o mesmo segredo de *Você nem sabe*: um amor inteiro de um lado só, que a outra pessoa nem desconfia.

A imagem do refrão é grande para uma cena tão pequena: *"Menina, você é pra mim / um mar sem fim"*. A janela é estreita e o sentimento é um oceano. E o pedido final tem graça de moleque: *"por favor menina / dê bola pra mim"*. Ninguém declara amor eterno e pede "dê bola" na mesma frase, a não ser um rapaz bem jovem.

Leio a música como um retrato de rua e de juventude, em que a janela era a única tela que existia.

Em uma frase: fiz *Menina* para guardar o amor de janela, aquele que só olha a moça passar.

Letra

Ê, menina... ê, menina...

Saio na janela,
dou de cara com ela
Pergunto: "Onde vai,
menina, com tanta pressa?"

E ela me diz, bem baixinho,
que vai se encontrar
com seu amorzinho
Com seu amorzinho, ê

Menina, como eu te amo! (Menina!)
Menina, você é pra mim (Menina!)
um mar sem fim, um mar sem fim
Menina, como eu te amo! (Menina!)
Menina, você é pra mim

um mar sem fim
por favor menina
dê bola pra mim

Fecho a janela,
sempre pensando nela
Dormindo, espero outro dia
pra ver a mesma menina

Que passa pra lá e pra cá,
pra lá e pra cá, pra lá e pra cá
sem saber da minha agonia
sem saber da minha agonia

Menina, como eu te amo! (Menina!)
Menina, você é pra mim (Menina!)
um mar sem fim, um mar sem fim
Menina, como eu te amo! (Menina!)
Menina, você é pra mim
um mar sem fim
por favor menina
dê bola pra mim

Ê, menina... (menina da janela)
Ê, menina... (pra lá e pra cá)
Ê, menina...
por favor menina
dê bola pra mim
por favor menina
dê bola pra mim

Eu não posso

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta no meio de uma dor de amor, quando a gente faz planos para esquecer e sabe que não vai cumprir. A estrutura é uma lista de desejos derrubada sempre pela mesma frase: *"Eu quero te esquecer, / em você não mais pensar."* E logo: *"Mas eu não posso."*

Cada estrofe tenta uma saída diferente. Fugir: *"Quero sumir na multidão / pra você não me encontrar."* Ficar só: *"Eu quero viver a sós, / sem alguém para amar."* Ouvir o mar. Tudo esbarra no refrão de uma linha. Leio a repetição como o próprio pensamento obsessivo, que volta sempre ao mesmo ponto.

A explicação vem simples, quase de canção antiga: *"meu coração chama por ti, / meus olhos choram / por não ter você aqui."*

O mais bonito está no fim, quando ele confessa o que queria de verdade: *"No fundo, eu só queria viver / pra continuar a te amar / e por ti ser amado!"* Todos os planos de esquecer eram disfarce. Leio aí a contradição que move a letra: ele diz que quer esquecer, e o que quer mesmo é ser correspondido.

Em uma frase: fiz *Eu não posso* para listar todas as fugas do amor e admitir que nenhuma funciona.

Letra

Eu quero te esquecer,
em você não mais pensar.
Eu quero ser alegre
e nunca mais te amar.

Mas eu não posso.

Eu quero fugir de ti
pra nunca mais voltar.
Quero sumir na multidão
pra você não me encontrar.

Mas eu não posso.

Eu quero olhar o céu,
ver o tempo devagar.
Eu quero viver a sós,
sem alguém para amar.

Mas eu não posso.

Eu quero ser amado
e viver sem me arrastar.
Eu quero ouvir o mar
e suas ondas a rolar.

Mas eu não posso.

Sim, eu faria tudo isso
pra poder te esquecer.
Sim, eu faria tudo isso
pra nunca mais te ver.
Mas eu não posso.

Não posso, porque
meu coração chama por ti,
meus olhos choram
por não ter você aqui.

No fundo, eu só queria viver
pra continuar a te amar
e por ti ser amado!
No fundo, eu só queria viver
pra continuar a te amar
e por ti ser amado!

Mas eu não posso!
Mas eu não posso!

Mas eu não posso...

Triste amizade

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta para dar voz a quem fica na posição mais ingrata do amor: a de melhor amiga. O eu-lírico é uma mulher, *"sua amiga de plantão"*, que ouve tudo e não diz nada: *"Você me contava tudo, / seus segredos, seus amores, / e eu, num sorriso mudo, / escondia as minhas dores."*

O refrão resume a assimetria: *"Pra você era só amizade, / pra mim era amor demais"*. E explica o silêncio com uma lógica que muita gente conhece: *"guardava, bem quietinha, / pra amizade não quebrar."* Ela prefere metade do convívio a arriscar perder tudo: *"de ser só sua amiga, então, / pra te ver todo dia."*

A ironia é que o cuidado não salvou nada: *"nossa amizade acabou, / e o amor que eu nunca disse / só comigo ficou."* Leio aqui a lição amarga da letra: o silêncio que protegia a amizade também não impediu o fim.

E o refrão muda na última vez. Onde antes estava *"e calava, e nada mais"*, aparece *"e agora não te vejo mais."* Repetido três vezes no fim, vira um eco de perda.

Em uma frase: fiz *Triste amizade* para contar o amor guardado em silêncio para não perder um amigo, e que se perdeu do mesmo jeito.

Letra

Tanto tempo ao seu lado,
sua amiga de plantão,
e você nunca notava
o que ia em meu coração.

Você me contava tudo,
seus segredos, seus amores,
e eu, num sorriso mudo,
escondia as minhas dores.

Pra você era só amizade,
pra mim era amor demais;
eu guardava essa verdade
e calava, e nada mais.

Quantas vezes, de mansinho,
quase deixei escapar,
mas guardava, bem quietinha,

pra amizade não quebrar.

Mesmo assim eu esperava,
com a esperança de menina,
que um dia você me olhava
e mudava a nossa sina.

E vivi dessa ilusão,
tão bonita, tão macia,
de ser só sua amiga, então,
pra te ver todo dia.

Pra você era só amizade,
pra mim era amor demais;
eu guardava essa verdade
e calava, e nada mais.

Mas o tempo foi passando,
nossa amizade acabou,
e o amor que eu nunca disse
só comigo ficou.

Pra você era só amizade,
pra mim era amor demais;
eu guardava essa verdade...
e agora não te vejo mais.

E agora não te vejo mais.
E agora não te vejo mais.
E agora não te vejo mais.

Paixão

Por que eu fiz esta música

Acho que fiz esta como um exercício: contar uma paixão inteira como quem conta nos dedos. A letra é feita de listas: *"Um dia, um encontro, / um olhar, um quase dizer"*. Cada coisa vem *"outro e mais outro"*, até virar avalanche.

A estrofe mais engenhosa usa números de verdade: *"Duas mãos, um começo, / três beijos, uma emoção, / quatro acenos na despedida, / cinco dias de saudade"*. A paixão cresce como uma contagem. Leio aí uma brincadeira de forma que também diz algo: paixão se faz de pequenas coisas somadas.

A soma também traz o lado ruim: *"uma briga, um desencontro, / um sofrimento, outro e mais outro, / e eu, perdida, sem chance."* A voz é de mulher, e no fim ela entende o que viveu só depois de passar por tudo: *"de cada sim e cada não, / só agora eu entendia / o que era paixão."*

O refrão, *"foi chegando pouco a pouco / e olha o que a paixão me fez"*, diz a mesma coisa sem enfeite. Ninguém se apaixona de uma vez. Quando vê, já está.

Em uma frase: fiz *Paixão* para contar, item por item, como uma paixão se forma e só se entende depois.

Letra

Um dia, um encontro,
um olhar, um quase dizer,
um sorriso, outro e mais outro,
sem saber o que ia ser.

Uma palavra, uma conversa,
uma frase, um diálogo,
uma ideia, outra e mais outra,
e a noite virou prosa.

Outro e mais outro,
e mais outro, e outra vez,
foi chegando pouco a pouco
e olha o que a paixão me fez.

Um passeio, um destino,
um pensamento, uma esperança,
um convite, uma ilusão,

um sonho, outro e mais outro,
como um sonho de criança.

Duas mãos, um começo,
três beijos, uma emoção,
quatro acenos na despedida,
cinco dias de saudade,
um pedido, outro e mais outro:
"Volta logo, coração."

Outro e mais outro,
e mais outro, e outra vez,
foi chegando pouco a pouco
e olha o que a paixão me fez.

Um abraço, um arrepio,
um desejo, um romance,
uma briga, um desencontro,
um sofrimento, outro e mais outro,
e eu, perdida, sem chance.

Mas de tudo o que contei,
de cada número, cada dia,
de cada sim e cada não,
só agora eu entendia
o que era paixão.

Outro e mais outro,
e mais outro, e outra vez,
foi chegando pouco a pouco
e olha o que a paixão me fez.

Outro e mais outro,
e mais outro, e outra vez,
foi chegando pouco a pouco
e olha o que a paixão me fez.

Outro e mais outro,
e mais outro, e outra vez,
foi chegando pouco a pouco
e olha o que a paixão me fez.

e olha o que a paixão me fez.
e olha o que a paixão me fez.
e olha o que a paixão me fez.

A volta

Por que eu fiz esta música

Esta nasceu de um poema velho que eu reescrevi, e acho que por isso ela fala de voltar. O começo é de consolo: *"A distância nos separou / O destino desarrumou / Mas não fique triste, não"*. Quem fala está longe e pede que a outra pessoa espere.

O pedido central é simples e físico: *"Deixa a luz da janela entrar / Deixa a porta aberta"*. Não há promessa grandiosa, só um sinal de que ainda tem lugar. E a segurança de quem não esqueceu: *"Que o caminho de volta / Na certa, eu sei de cor"*.

Depois entra o presente, e a música ganha uma angústia moderna: *"Gravo um áudio de madrugada"*, *"Duas marquinhas azuis na tela / E a resposta não chegou"*. Leio aí o encontro do poema antigo com o celular: a mensagem foi lida e o silêncio continua. O verso que mais me toca vem logo: *"Mas eu guardei o seu silêncio / Como quem guarda um lugar"*.

O final troca o futuro pelo passado. Antes era *"no dia em que eu voltar / Vou ver"*; no fim, *"no dia em que eu voltei / Eu vi"*. A janela está acesa e a porta aberta. Leio a mudança de tempo verbal como um final feliz.

Em uma frase: fiz *A volta* para dar a um poema antigo de saudade o reencontro que ele esperava.

Letra

A distância nos separou
O destino desarrumou
Mas não fique triste, não
Que a saudade ainda mora
No meu coração

Deixa a luz da janela entrar
Deixa a porta aberta
Que o caminho de volta
Na certa, eu sei de cor

E no dia em que eu voltar
Vou ver no seu olhar
A esperança de recomeçar
Porque quando o amor voltar
Nem saudade, nem destino
Vão nos separar

Gravo um áudio de madrugada
Com a voz que me sobrou
Duas marquinhas azuis na tela
E a resposta não chegou

Deixa a luz da janela entrar
Deixa a porta aberta
Que o caminho de volta
Na certa, eu sei de cor

Eu sei que o tempo não perdoa
Que a vida muda sem avisar
Mas eu guardei o seu silêncio
Como quem guarda um lugar

Desço na mesma esquina
Com medo do que vou achar
A luz da janela acesa
E a porta aberta a me esperar

E no dia em que eu voltei
Eu vi no seu olhar
A esperança de recomeçar
E agora que o amor voltou
Nem saudade, nem destino
Nunca mais
Vão nos separar

Adeus

Por que eu fiz esta música

Escrevi esta letra moço, nos anos 60 e 70, quando o amor ainda era assunto de vida ou morte. Ela abre com delicadeza: *"Não se zangue, meu bem, / com o que eu vou lhe falar"*. Quem vai embora pede desculpa antes de bater a porta. Acho que fiz assim porque o difícil, na despedida, é dizer a primeira frase, e o resto vem atrás.

O que mais me pega é a lista do que eu levo: *"levo apenas a identidade / e o violão como companheiro"*. É o retrato de um rapaz que não tem nada além de um nome e de um instrumento. E diz muito sobre o lugar do violão na minha vida, aquele que me acompanhou do rádio da Água Rasa às rodas do meu tio.

A cena da saída tem um gesto quase de cinema: *"Deixo a chave sobre a mesa, / deixo a porta sem trancar"*. Não levo a chave, não tranco nada. Leio isso como alguém que sai sem rancor, mesmo dizendo *"não quero mais você"*.

E o final desmonta o drama com uma pitada de malandragem: *"Um novo caso já me espera / num outro amanhecer"*, e por fim *"Adeus! Seja feliz!"*. Na versão antiga do poema eu dizia *"Encontrei um novo par"* e *"Você quis foi me enganar"*. Na versão de agora tirei a acusação e deixei o desejo de felicidade. Parece que o homem de hoje revisou o rapaz de ontem.

Em uma frase: fiz *Adeus* para dizer que sair de um amor pode ser também um gesto de paz, levando só o nome e o violão.

Letra

Não se zangue, meu bem,
com o que eu vou lhe falar
já cansei de chorar
por você

Não fique triste, mulher,
com o que eu vou lhe dizer
já cansei de sofrer
por você

Deixo a chave sobre a mesa,
deixo a porta sem trancar,
levo a minha tristeza,
meu orgulho e a certeza
que não vou mais voltar

Adeus, adeus, meu bem, adeus,
não volto mais aqui
O que era meu ficou com os seus,
o resto eu já perdi
levo apenas a identidade
e o violão como companheiro
Adeus, adeus, mulher, adeus,
não quero mais você
eu sei que já vou tarde
essa é a hora de partir

Eu vou me embora
sem olhar pra trás,
que já chegou a hora
de eu viver em paz

Adeus, adeus, meu bem, adeus,
não volto mais aqui
O que era meu ficou com os seus,
o resto eu já perdi
levo apenas a identidade
e o violão como companheiro
Adeus, adeus, mulher, adeus,
não quero mais você
eu sei que já vou tarde
essa é a hora de partir

Adeus, adeus, meu bem, adeus,
não volto mais aqui
O que era meu ficou com os seus,
o resto eu já perdi

Adeus, adeus, mulher, adeus,
não quero mais você
Um novo caso já me espera
num outro amanhecer

Adeus! Seja feliz!

Você e Eu

Por que eu fiz esta música

Fiz porque sempre gostei de brincar com as palavras, desde as redações do ginásio. Aqui a brincadeira é levar o amor para a aula de gramática: *"Você, duas sílabas, eu apenas uma"*. Comparo os dois pronomes letra por letra, acento por acento, e o "eu" sai perdendo em tudo.

A virada vem em *"O verbo é imperfeito, você é o sujeito / E eu, a alegoria"*. Quem ama se sente pequeno diante de quem é amado. No poema antigo eu tinha escrito *"e Eu a porcaria"*. Troquei por uma palavra mais verdadeira, mais de rua, e o verso ficou mais engraçado e mais triste ao mesmo tempo.

Depois a música deixa a gramática e vai para o corpo: *"Arrepios incertos, saciam a fantasia"*, *"Vou dividir suas células, tamanha a força do eu"*. O "eu" pequeno vira um "eu" que quer dar mais prazer do que recebe: *"E o teu gozo de certo, será mais eterno que o meu"*.

O fecho resolve o paradoxo: *"Eis o eu absoluto, que dispensa a grafia / Pois que de belo tenho eu, se não sua serventia"*. Leio assim: o "eu" só fica grande quando serve ao "você". É o mesmo homem que escreveu, em frase solta, que amar é ser dependente.

Em uma frase: fiz *Você e Eu* para mostrar, com a gramática na mão, que quem ama se acha a menor palavra da frase e só se completa servindo ao outro.

Letra

Você, duas sílabas, eu apenas uma
Você, circunflexo, eu primeira pessoa
Você, duas vogais, eu também duas
Você, duas consoantes, eu nenhuma

Repare a desvantagem na grafia
Eu, simplesmente, você honraria
O verbo é imperfeito, você é o sujeito
E eu, a alegoria

Meu Deus, por que tanta hipocrisia
Tendo você por perto, explode minha alegria
Arrepios incertos, saciam a fantasia
De ter você por perto, que nada é alquimia

Meu desejo é certo, de ter você um dia
Vou te recobrir de afeto, com o eu de magia
Vou dividir suas células, tamanha a força do eu
E o teu gozo de certo, será mais eterno que o meu

Eis o eu absoluto, que dispensa a grafia
Pois que de belo tenho eu, se não sua serventia

Bumerangue

Por que eu fiz esta música

Fiz porque vi a economia do dia a dia trabalhando contra quem compra. E comecei me acusando: *"Eu vi o celular da China, preço de pinga... comprei."* A primeira pessoa é de propósito. Não aponto o dedo de fora; eu também caí na promoção.

A letra segue o caminho do dinheiro como um auditor segue um lançamento: o clique, a entrega rápida, e do outro lado *"A fábrica do bairro pediu água, fechou as portas na moral"*. O bairro, para mim, é a célula menor do sistema. Quando ele fecha, o resto vai junto. Por isso o refrão insiste: *"O dinheiro que sai, amigo, não volta pra roda."*

O tom vai subindo até ficar bruto. *"Você é o cliente e o culpado, o patrão e o peão"* resume a armadilha: a mesma pessoa que economiza na compra perde o emprego lá na frente. E a frase final é uma das mais duras que já escrevi: *"Só assim o idiota percebe a merda que fez."* Não suavizei porque a raiva é parte do recado.

Tem ainda uma coisa que eu conheço por dentro. Quando o mercado se abriu aos importados, a empresa do AwardSup foi descontinuada. Não sei se pensei nisso ao escrever, mas a música fala de um tipo de perda que eu já vivi.

Em uma frase: fiz *Bumerangue* para mostrar que a compra barata de fora volta, mais cedo ou mais tarde, como fome dentro de casa.

Letra

Eu vi o celular da China, preço de pinga... comprei.
Diz que é "promoção", que a gente se deu bem, que a gente é Rei.
Chegou rapidinho, "Made in China", tudo top e lacrado,
Enquanto o nosso dinheirinho fugia pro lado errado.
O vizinho do apê perdeu o trampo, tá na rua, sem dormir,
Mas a minha compra é a lei, o que importa é o meu umbigo.
A fábrica do bairro pediu água, fechou as portas na moral,
E eu na compra global, festejando o meu funeral.

É o Efeito Bumerangue, a burrice tá na moda.
Alegria de um clique, vira desespero na calçada.
Você manda o seu capital pro gringo, achando que é esperto,
Sem ver que o seu futuro está ficando incerto.

É o Capital que Evapora, a burrice tá na moda.
O dinheiro que sai, amigo, não volta pra roda.
Você manda o seu capital pro gringo, achando que é esperto,

A bomba econômica vai explodir, isso é certo
Imbecil como é... acendeu o pavio
Agora é esperar pela morte
Do sistema que nutria todas as famílias

É a Canção do Caos, que ninguém que ouvir
Você compra o importado pra se achar, pra aparecer.
Cada compra gringa é uma pá de cal que você joga no chão,
Da sua casa, do seu futuro, da sua própria nação!
Você é o cliente e o culpado, o patrão e o peão,
Fazendo a fila da miséria com a ponta da mão!

Seu tênis de mil, a roupa da blogueira, veio de longe,
O suor que pagou o tecido não é daqui, nem se esconde.
O comércio local tá sangrando, não tem como enfrentar,
E o seu primo empreendedor teve que fechar.
Você compartilha a selfie, finge que tá tudo bem,
Mas o chão tá sumindo, e o medo já te tem.
A grana que sai daqui, volta como desgraça,
A sua carteira assinada virou pó virou traça.

O contrato acabou, a empresa já te cortou!
Sua mesa tá vazia, o sistema te ignorou!
Você liga a TV, só passa tragédia, violência sem parar,
A rua tá perigosa, e não tem mais onde chorar.
A lógica se inverteu, o sentido está na ruína,
Seus filhos em casa, perguntando pela comida!

É a Canção do Caos, agora você vai ouvir!
O importado tava bom, mas acabou pra você!
O clique na tela, o like na ostentação,
Virou a sua fome, a sua demissão!
Você era o cliente, e agora é o desempregado,
Seus filhos em casa, perguntando pela comida!
O Bumerangue da Fome te pegou em cheio!
A grana que sai daqui, volta como desgraça,
A sua carteira assinada virou pó virou traça.

A bomba econômica vai explodir, isso é certo
Imbecil como é... acendeu o pavio
Agora é esperar pela morte

Do sistema que nutria todas as famílias
O contrato acabou, a empresa já te cortou!
Sua mesa tá vazia, o sistema te ignorou!
A lógica se inverteu, o sentido está na ruína,
Seus filhos em casa, perguntando pela comida!
O Bumerangue da Fome te pegou em cheio!
Só assim o idiota percebe a merda que fez.

Não tem pão. O mercado fechou... Não tem mais nada pra vender!
Cadê a polícia?!
A rua tá virando guerra!
E a fábrica?
Ninguém compra!
O Bumerangue da Fome te pegou em cheio!
Só assim o idiota percebe a merda que fez.

Esse país não tem jeito

Por que eu fiz esta música

Fiz porque guardei a conta de uma vida inteira e quis apresentá-la. A primeira cena é minha: *"Eu tinha doze anos / Quando o tanque passou na rua / Minha mãe fechou a janela / E disse que ia passar"*. E a resposta vem seca: *"Passou / E veio outro no lugar"*. Desde aquele dia nunca mais consegui fechar a janela.

A música é organizada como um relatório de auditoria. Cada estrofe tem uma idade e um fato: aos quarenta, a cara pintada e o presidente derrubado (*"Foi o fim dele / Não foi o fim disso"*); aos cinquenta e três, o voto por mensalidade; aos sessenta e dois, os presos de terno; aos setenta e um, o relógio quebrado (*"Consertaram o relógio / Não consertaram o resto"*). Passei a vida auditando sistemas. Aqui auditei o país com a minha própria idade como data.

O refrão se defende antes do ataque: *"Não é mágoa, não é birra / Não é o velho reclamando"*. Sei que um homem de setenta e quatro anos falando mal do país é descartado fácil. Por isso apresento a prova: *"Setenta e quatro anos / De testemunha ocular"*.

E o final abre uma porta. *"Eu não estou desistindo / Eu só estou dizendo o que vi"* e *"E se alguém provar que eu errei / Eu peço desculpa antes de morrer"*. É o jeito do meu tio: discutir com argumentos e aceitar ser contestado. Contestar, para mim, é verificar.

Em uma frase: fiz *Esse país não tem jeito* para registrar, como testemunha, que vi a mesma história se repetir desde os doze anos, e deixar aberta a chance de alguém me provar o contrário.

Letra

Eu tinha doze anos
Quando o tanque passou na rua
Minha mãe fechou a janela
E disse que ia passar
Passou
E veio outro no lugar

Esse país não tem jeito
E eu tenho a prova comigo
Setenta e quatro anos
De testemunha ocular
Não é mágoa, não é birra

Não é o velho reclamando
É que eu vi todas as vezes
E todas as vezes deu no mesmo

Aos quarenta eu pintei a cara
Com a molecada na avenida
Derrubamos um presidente
E eu jurei que era o fim
Foi o fim dele
Não foi o fim disso

Aos cinquenta e três pagaram
O voto por mensalidade
Julgaram, condenaram
E quase todos voltaram
E os que não voltaram
Foram substituídos

Esse país não tem jeito
E eu tenho a prova comigo
Setenta e quatro anos
De testemunha ocular
Não é mágoa, não é birra
Não é o velho reclamando
É que eu vi todas as vezes
E todas as vezes deu no mesmo

Aos sessenta e dois prenderam
Gente de terno e relógio caro
Eu pensei: agora sim
Agora esse país virou
Anularam tudo
E ele virou de novo pro mesmo lado

Aos setenta e um quebraram
O relógio de mil e setecentos
Que atravessou dois impérios
Sem fazer mal a ninguém
Consertaram o relógio
Não consertaram o resto

Agora tenho setenta e quatro
E somem do meu dinheiro
Vinte reais todo mês
De um salário que eu suei
Chegou a minha vez
Demorou, mas chegou

Não me venham dizer que é fase
Que o pior já passou
Eu ouvi isso em sessenta e quatro
Em noventa e dois, em dois mil e cinco
Ouvi a vida inteira
Sempre com a mesma voz mansa
E toda vez que eu acreditei
Eu paguei pra ver

Esse país não tem jeito
E eu tenho a prova comigo
Setenta e quatro anos
Inteirinhos, sem faltar um
Eu não estou desistindo
Eu só estou dizendo o que vi
E se alguém provar que eu errei
Eu peço desculpa antes de morrer

[Outro — solo acoustic guitar, unresolved, fadi

Existência

Por que eu fiz esta música

Fiz porque, para mim, o mundo sempre foi feito de pares. Aprendi isso com a álgebra booleana no ginásio: zero e um. A música inteira é uma lista de opostos que dependem um do outro: *"Não existe um sol sem a lua / Nem uma alegria sem dor"*, *"Não existe um sim sem um não / Nem um ódio sem ter amor"*.

No meio da lista entra o filósofo desconfiado de certezas: *"Não existe uma voz absoluta / Nem uma única verdade"*. É o mesmo que escreveu que não é dono da verdade, só dá polimento a ela. Repito esses versos no refrão porque são a espinha da canção.

Algumas imagens são miúdas e concretas: *"Nem um chão sem o pó"*, *"Nem um laço sem ter um nó"*. Gosto delas porque tiram a filosofia do alto e a põem no chão de casa.

E então a lista quebra. Depois de tanto par abstrato, aparece uma pessoa: *Não existe um "eu" sem o "outro"*, e o fim repete *"Não existe vida sem você."* Leio isso como o motivo verdadeiro da música: toda a filosofia era um caminho comprido para chegar a uma declaração de amor. O sistema binário, no fim, tem dois: eu e você.

Em uma frase: fiz *Existência* para mostrar que tudo no mundo depende do seu oposto, e que a minha própria vida depende de alguém.

Letra

Não existe um caminho certo
Nem um mapa pra voltar
Não existe um porto seguro
Nem um sonho sem acordar

Não existe um sol sem a lua
Nem uma alegria sem dor
Não existe um sim sem um não
Nem um ódio sem ter amor

Não existe uma voz absoluta
Nem uma única verdade
Não existe uma vida sem luta
Nem amor sem saudade

Não existe um céu sem estrelas
Nem um chão sem o pó
Não existe um mar sem areia

Nem um laço sem ter um nó

Não existe um silêncio tão puro
Nem um eco sem ter fim
Não existe um berro tão mudo
Nem um começo sem fim

Não existe uma voz absoluta
Nem uma única verdade
Não existe uma vida sem luta
Nem amor sem saudade

Não existe a resposta final
Nem o ponto de chegada
Não existe as cores sem a luz
Nem o tudo... com o nada.

Não existe um tempo perdido
Nem um fim solitário
Não existe um "eu" sem o "outro"
Nem a vida sem... você.

De tudo que disse até aqui
é que a vida não exite sem... você

Não existe vida sem você.
Não existe vida sem você.
sem você.

Feliz Ano Igual

Por que eu fiz esta música

Fiz porque todo réveillon me parece a mesma peça com cenário novo. Abro com a hipocrisia da festa: *"Desejam a paz com a faca no dente"*. E no dia seguinte *"o sol de janeiro, num golpe certeiro, / Nasce de ressaca"*, trazendo as mesmas contas.

É a mesma sensação de *Esse país não tem jeito*, só que sem as datas da minha vida. Lá eu contava os anos pela idade; aqui conto pela folhinha. *"Pois o ano novo é um velho maquiado!"* e *"Séculos e séculos de andar em círculos"*. A imagem dos *"cães e seus rabos"* é cômica de propósito: gente correndo atrás de si mesma.

O verso mais meu é *"Só muda o dígito no computador."* Passei sessenta anos com o zero e o um. Sei que, para a máquina, virar o ano é trocar um número no campo de data. Para nós deveria ser mais, e não é.

A frase mais amarga é *"A esperança é a droga que vira vício!"*. Ela conversa com a música da próxima faixa: o refrão termina em *"Da mesmice humana!"*. E o final vai empilhando rimas até o *"Silêncio total."* antes do brinde irônico: *"FELIZ ANO IGUAL!"*

Em uma frase: fiz *Feliz Ano Igual* para brindar, com ironia, à mudança que só acontece no calendário.

Letra

Desejam a paz com a faca no dente
O sucesso barato, o lucro indecente
Mas o sol de janeiro, num golpe certeiro,
Nasce de ressaca, igual e ligeiro
Trazendo as contas e as velhas feridas
Das mesmas batalhas vividas.

Pois o ano novo é um velho maquiado!
O mesmo cenário, um filme arranhado!
Séculos e séculos de andar em círculos
A esperança é a droga que vira vício!
Muda-se a data, preserva-se a trama
A mesma comédia, o mesmo drama
Da mesmice humana!

Fevereiro aponta e a trégua desaba
O sonho da sorte já foi nunca acaba
A saúde padece no leito da espera

E o povo percebe que é a mesma era.
Foi só um estalo, um clarão de artifício
Que rasga o escuro e retorna ao início
Sobra a fumaça, a cinza no chão
E a volta curvada pra mesma ilusão!

Dizem que o tempo redime e renova
Mas a roda da história é a nossa prova
Corremos em círculos, cães e seus rabos
Do santo ao profano... dos anjos aos diabos!
Não muda a essência, nem muda a cor
Só muda o dígito no computador.

Pois o ano novo é um velho maquiado!
O mesmo cenário, um filme arranhado!
Séculos e séculos de andar em círculos
A esperança é a droga que vira vício!
Muda-se a data, preserva-se a trama
A mesma comédia, o mesmo drama
Da mesmice humana!

Dizem que o tempo redime e renova
Mas a roda da história é a nossa prova
Corremos em círculos, cães e seus rabos
Do santo ao profano, dos anjos aos diabos
Não muda a essência, nem muda a cor
Só muda o dígito no computador.
: Só muda o dígito no computador!
: SÓ MUDA O DÍGITO NO COMPUTADOR!

Não é novo.
É só o velho de roupa lavada.
O tempo escorre... E não sobra nada.
O ano novo é:
Sempre igual!
Sempre normal!
Sempre banal!
Sempre brutal!
Sempre mortal!
Sempre fatal!
Sempre igual!

Silêncio total.

: Feliz ano igual...

: FELIZ ANO IGUAL!

: FELIZ ANO IGUAL!

Ingratidão

Por que eu fiz esta música

Fiz para falar da doença que eu mesmo chamei de a mais antiga da humanidade: o amor não correspondido. A cena de abertura é de quem assiste de fora: *"Eu te vi sorrindo pra ele, / Do jeito que eu sonhei pra mim."* O sorriso existe, só que vai para outro.

Há uma imagem que me agrada muito: *"Te esperei na chuva, molhado de amor, / E você nem me notou"*, e logo depois *"O desprezo foi tanto / Que até a chuva secou"*. O exagero é romântico e quase engraçado. A dor é tão grande que até o tempo muda.

O trecho mais pessoal é o do compositor: *"Em teu nome / fiz muitas canções, / Pra ver se o destino te convencia"*. E depois *"Enquanto morriam minha poesia / e minha inspiração."* Aqui o sofrimento atinge o que eu tenho de mais meu, a capacidade de escrever.

E tem a esperança que se desmente sozinha: *"Vou correndo ao teu lugar"* seguido de *"Que nada... / É só um sonho, vou acordar."* O fecho, *"Agora sou mais um / Na lista dos que sofrem por amor"*, coloca o eu da canção numa fila enorme. Aquela frase sobre o amor não correspondido eu escrevi depois de mais de cinquenta anos de casamento, o que mostra, como eu disse, que o filósofo e o marido nem sempre concordam.

Em uma frase: fiz *Ingratidão* para dar voz a quem ama sem ser amado, até o ponto em que a dor ameaça calar a própria poesia.

Letra

Eu te vi sorrindo pra ele,
Do jeito que eu sonhei pra mim.
Meu coração despedaçado,
Me avisou que ia ser o fim.
Te esperei na chuva, molhado de amor,
E você nem me notou
O desprezo foi tanto
Que até a chuva secou
Tudo aquilo que era só sonho e dor.
se consumou
Agora sou mais um
Na lista dos que sofrem por amor.
Eu tentei fingir que não era nada,
Mas a alma não mente assim.
Você levou meu sossego, me iludiu

E me enganou
Deixando dor, sofrimento e ingratidão
E minha paz também levou.

Em teu nome
fiz muitas canções,
Pra ver se o destino te convencia
Mas você quis outro tom,
Enquanto morriam minha poesia
e minha inspiração.
Quem ama sem ser amado,
Aprende o peso do desprezo.
É punhal forte no peito,
É derrame no coração.
Tá feito e sem perdão!

Eu tentei fingir que não era nada,
Mas a alma não mente assim.
Você levou meu sossego, me iludiu
E me enganou
Deixando dor, sofrimento e ingratidão
E minha paz também levou.
Se um dia o tempo te encontrar,
E ainda houver esperança
Vou correndo ao teu lugar
Pra minha paixão enfim
Se realizar
Que nada...
É só um sonho, vou acordar.

Quem ama sem ser amado,
Aprende o peso do desprezo.
É punhal forte no peito,
É derrame no coração.
Tá feito e sem perdão!
Eu tentei fingir que não era nada,
Mas a alma não mente assim.
Você levou meu sossego, me iludiu
E me enganou
Deixando dor, sofrimento e ingratidão
E minha paz também levou

Me destruiu
Me iludiu
e Me enganou
Agora sou mais um
Na lista dos que sofrem por amor
Agora sou mais um
Na lista dos que sofrem por amor
...sofrem por amor

Mesmice Humana

Por que eu fiz esta música

Fiz para rir de mim mesmo como compositor. A música começa confessando o truque: *"Vou fazer uma canção do jeito que o povo gosta / Usando as palavras de sempre / Amor, tristeza e coração"*. É uma canção sobre fazer canção, e sobre como quase todas dizem a mesma coisa.

Ela vem logo depois de *Ingratidão* no álbum, que é exatamente amor, tristeza e coração. Leio isso como uma piscadela: depois de sofrer de verdade, o autor dá um passo atrás e olha a própria receita. *"Primeiro vem o amor / Logo depois a tristeza / Porque se o amor não dá certo / O drama vira canção"*.

O verso mais honesto é *"E eu vou criando / Uma paixão que não é minha"*. O compositor inventa sentimentos para os outros cantarem. Isso tem nome: ofício.

E o fim é quase uma rendição bem-humorada: *"Uma montanha de poemas / Pra dizer tudo / Aquilo que já foi dito"*. O título vem de uma ideia que me acompanha: quem não transgride vira o clone da mesmice humana. Esta canção é o aviso que eu dou a mim mesmo antes de cair nela.

Em uma frase: fiz *Mesmice Humana* para admitir, com humor, que as canções de amor repetem o mesmo ciclo há gerações, e que eu também faço parte dele.

Letra

Vou fazer uma canção do jeito que o povo gosta
Usando as palavras de sempre
Amor, tristeza e coração
Parece que a história se repete
E o sentimento não muda com o tempo
De geração em geração
A gente tenta dizer o mesmo
É um ciclo que não para
Passa o tempo e a gente insiste
Nos mesmos temas do coração
As palavras vão surgindo
O sentimento se explicando
E eu vou criando
Uma paixão que não é minha
Primeiro vem o amor
Logo depois a tristeza

Porque se o amor não dá certo
O drama vira canção
No fim é todo um grande mito
De amores achados e perdidos
Uma montanha de poemas
Pra dizer tudo
Aquilo que já foi dito

Automação

Por que eu fiz esta música

Fiz porque percebi que virei funcionário sem salário. A primeira cena é cotidiana: *"No banco não tem mais gente, só botão pra apertar, / O gerente foi embora, e eu que tenho que operar."* No mercado é igual: *"A moça do caixa sumiu e a máquina assumiu."*

O refrão faz a conta: *"Sou cliente, sou caixa, sou o próprio funcionário"* e *"Trabalho de graça num mundo milionário."* E aponta para mim também: *"Pago por tudo isso e ainda acho bom!"*. O *"idiota útil"* sou eu, somos todos nós.

A contradição está no autor. Passei a vida automatizando empresas, desde os cartões perfurados do IBM 1401. Faço minhas músicas com IA. Justamente por isso sei a diferença entre a tecnologia que serve à pessoa e a que tira a pessoa do caminho. O verso que resume é *"Chamam de automação, eu chamo de solidão"*. O problema que eu vejo é o humano sumindo da cena, mais do que a máquina em si.

Na fábrica a imagem fica sombria: *"E o homem vira sombra no chão da produção."* E no fim *"A máquina sorri e eu viro extensão."* A última linha, *"E o absurdo virou normal!"*, conversa com outra música minha, a do absurdo que vira costume.

Em uma frase: fiz *Automação* para denunciar o progresso que transfere o trabalho para o cliente e o lucro para o dono, e para dizer que a tecnologia deveria servir às pessoas.

Letra

No banco não tem mais gente, só botão pra apertar,
O gerente foi embora, e eu que tenho que operar.
Dizem que é mais prático, que é o futuro a chegar,
Mas o futuro sou eu a trabalhar e ainda pago por isso.

Sou cliente, sou caixa, sou o próprio funcionário,
Agora sou eu que passo, que pago, que empacóto,
Trabalho de graça num mundo milionário.
Dizem que é progresso, mas é só demissão,
O patrão lucra alto, e eu gasto um montão.
Pago por tudo isso e ainda acho bom!
Que idiota útil que não vê a exploração.

No mercado o sorriso virou um código de barras,
A moça do caixa sumiu e a máquina assumiu.
Agora sou eu que passo, que pago, que empacóto,
Enquanto o dono goza dos lucros a custa dos tolos.

Sou cliente, sou caixa, sou o próprio funcionário,
Agora sou eu que passo, que pago, que empacóto,
Trabalho de graça num mundo milionário.
Dizem que é progresso, mas é só demissão,
O patrão lucra alto, e eu gasto um montão.
Pago por tudo isso e ainda acho bom!
Que idiota útil que não vê a exploração.

Na fábrica o som mudou — mil olhos sem olhar,
Robôs que nunca dormem, nem param pra pensar.
A linha segue muda, perfeita, sem perdão,
E o homem vira sombra no chão da produção.

Chamam de automação, eu chamo de solidão,
Tiraram o humano, puseram programação.
No nome da eficiência, me chamam de moderno,
Mas é só mais um truque pro lucro eterno.

Sou cliente, sou caixa, sou o próprio funcionário,
Agora sou eu que passo, que pago, que empacóto,
Trabalho de graça num mundo milionário.
Dizem que é progresso, mas é só demissão,
O patrão lucra alto, e eu gasto um montão.
Pago por tudo isso e ainda acho bom!
Que idiota útil que não vê a exploração.
A máquina sorri e eu viro extensão.
Que idiota útil que não vê a exploração.
A máquina sorri e eu viro extensão.
Que idiota útil que não vê a exploração.
A máquina sorri e eu viro extensão.

E o absurdo virou normal!

Família

Por que eu fiz esta música

Fiz para abrir de novo a porta da casa da minha avó. O primeiro verso diz tudo: *"A porta da casa da vó não tinha chave"*. Ali eu nasci, ali aprendi o que guiou minha vida. A letra percorre a casa como quem anda pelos cômodos: o fogão a carvão, a panela de ferro, o vinho com soda, o milho para as pombas, *"Leva pro galinheiro!"*.

A vó aparece como a mulher culta que ela era: *"Todo dia a vó lia os jornais, cada página, por inteiro"*. E a história maior da família cabe numa estrofe: o filho que ficou em Portugal, o navio chegando, *"e a vó abraçou o filho que deixou na infância"*. Eu tinha seis anos naquele porto e ganhei primos de sotaque estranho, que no quintal eram iguais a nós.

Depois a música muda de tom. *"Cadê a minha gente? Ninguém me avisou."* e *"Levaram a minha vó, meus pais, minha irmã e os tios meus."* Leio aqui o homem de setenta e quatro anos parado no mesmo portão onde a mãe dizia *"filho, vai esfriar"* e o menino não ouvia: *"eu nunca ouvia, hoje eu queria escutar"*.

E o final se recusa a ser só luto. *"Cadê a minha gente? Tá dentro de mim!"* e o chamado: *"Primos, venham cá, me deem a vossa mão"*. A porta sem chave da vó vira a porta do coração, aberta para a nova geração. A música é um convite para a família continuar.

Em uma frase: fiz *Família* para guardar a casa da minha avó na memória de quem vem depois e transformar a saudade em convite.

Letra

A porta da casa da vó não tinha chave,
quem chegava entrava, sem pedir, sem entrave.
Do avô eu só conheci o retrato e a tradição,
mas a casa era dela, e a família era união.

Domingo era festa, fogão a carvão, que beleza,
panela de ferro e a família na mesa.
Vinho com soda e comida pra matar a fome,
a casa era pequena, mas o coração enorme.

Todo dia a vó lia os jornais, cada página, por inteiro,
sabia de política, de economia e do estrangeiro.
Era a nossa rede de notícias, culta, de tudo entendia,
quem quisesse saber do mundo, era com a vó que aprendia.

Bacalhau na despensa, tonel de vinho no canto,
caixa de soda virava castelo e encanto.
No quintal a vó jogava milho pras pombas no chão,
e enchia de milho a nossa pequena mão.
"Leva pro galinheiro!", e a gente ia ligeiro,
e o cachorro esperava por ela o dia inteiro.

Cadê a minha gente? Ninguém me avisou.
Um a um foi indo embora, e a casa esvaziou.
A gente perde um pouco a cada dia que vem,
e só sente a falta quando não há mais ninguém.

Até o filho que a vó deixou em Portugal
atravessou o mar, mais de vinte anos, afinal.
A gente ficou no porto esperando o navio atracar,
e foi a maior felicidade do mundo vê-los chegar.
Desceram com as malas, cansados de tanta distância,
e a vó abraçou o filho que deixou na infância.

E a gente brincava com os primos de sotaque estranho,
no quintal ninguém ligava, era tudo do mesmo tamanho.
Eu tocava violão, um tio contava piada,
e daquela casa simples saiu muita gente formada.

Num Natal, a porta aberta, noite de oração,
entrou uma moça nua, tremendo, pedindo proteção.
A vó deu cobertor, a tia deu café,
ninguém fez pergunta, só cuidado e fé.
E os homens da casa encontraram o covarde no breu,
e a lição que ele levou, certeza... jamais esqueceu.

Meu pai na cadeira, o jornal na mão,
falava pouco, mas falava com razão.
Minha mãe no portão, "filho, vai esfriar",
eu nunca ouvia, hoje eu queria escutar.

Cadê a minha gente? Me responde, meu Deus!
Levaram a minha vó, meus pais, minha irmã e os tios meus.
A casa ficou muda, a porta tá trancada,
e eu fiquei no portão chamando, e ninguém responde nada.

Um dia a vó partiu, depois partiram os tios,
a casa foi ficando cheia de quartos vazios.
Hoje o fogão tá frio, a panela num prego,
e o gosto do domingo é tudo que eu carrego.

Cadê a minha gente? Tá dentro de mim!
A casa ficou vazia, mas a história não tem fim.
Primos, venham cá, me deem a vossa mão:
a porta da vó agora é o nosso coração,
que se abriu para a nova geração.

Esta canção abre a porta para nova geração.
Esta canção abre a porta para nova geração.
Outras portas vão se abrir nos nossos corações.

CristOpera

Por que eu fiz esta música

Fiz porque quis contar a Paixão pela boca de quem sofreu, e não pela de quem venera. São cinco atos, da chegada montado num jumento até a cruz, e em todos Jesus fala como gente. O refrão é a tese: *"Eu também sangro, eu também choro"* e *"Mas ninguém pergunta o peso que eu carreguei!"*.

Esse Cristo humano não nasceu agora. Num poema antigo, "Eu, Você e Cristo", que está no meu site antigo, escrevi um Cristo que sofre *tão somente como você*. Fui coroinha, estudei com as freiras e passei a vida como um descrente inquieto. Leio a ópera como o encontro dessas duas pontas: o menino do altar e o homem que escreveu um tratado sobre como a religião formatou as civilizações.

Os momentos mais fortes são os de fraqueza. No Templo, *"Eram mil mãos me puxando... e eu só tenho duas mãos!"*. No Getsêmani, o medo dito sem enfeite: *"Eu tenho trinta e três anos, eu queria envelhecer"*. Para um homem de setenta e quatro, que teve o tempo que Jesus não teve, esse verso pesa muito. Diante de Herodes, a dignidade: *"Fiquei calado, fiquei calado, eu não sou bicho de circo!"*.

A multidão é personagem central. Logo no começo ela quer *"Um herói de carne e osso pra brigar no lugar deles"*, e no fim *"O mesmo povo que gritou meu nome no domingo de manhã / Na sexta já pedia o meu sangue com o mesmo afã"*. Isso conversa com o que eu canto em *Esse país não tem jeito* e penso sobre política: o povo procura um salvador em vez de cuidar do sistema, e depois troca de lado.

E o final sobe o tom para dizer o contrário do rancor: *"Mesmo assim eu amei todos vocês"*. Depois de mostrar o peso, a traição e a negação, a ópera termina no perdão.

Em uma frase: fiz *CristOpera* para mostrar o homem por trás do santo, com medo, cansaço e sangue, e um amor que resiste a quem o abandonou.

Letra

Ato I – A Chegada e o Templo

Entrei montado num jumento, sem coroa e sem dinheiro
O povo jogou capa no chão, gritou meu nome a noite inteira
Mas eu vi nos olhos deles o que eles queriam de mim
Um herói de carne e osso pra brigar no lugar deles... e não é assim!

Cheguei na casa do meu Pai e o que é que eu encontrei?
Bicho à venda, moeda falsa, um balcão de quem é rei!
Virei tudo de pernas pro ar, gritei até perder a voz
E quando eu me virei... era um mar de doente atrás de nós

(Coro) Me cura! Me toca! Me salva!

E eu não dava conta, não
Eram mil mãos me puxando... e eu só tenho duas mãos!

Refrão
Eu também sangro, eu também choro
Eu também sinto o frio da noite no couro
Cês me chamam de santo, me chamam de rei
Mas ninguém pergunta o peso que eu carreguei!
Eu também sangro, eu também sangro
Não sou de pedra, não sou de vidro
Tô aqui de pé, mas tô ferido!

Ato II – Maria e a Ceia

Só ela chegou de mansinho, sem pedir milagre nenhum
Lavou meu pé cheio de poeira como se eu fosse mais um
E o povo falou, e o Judas reclamou do perfume caro

Deixa ela! Deixa ela!
Foi o único carinho que eu ganhei nesse calvário!

Sentei na mesa com os doze, parti o pão com a mão tremendo
"Um de vocês vai me entregar"... e o silêncio foi doendo
Olhei pro Judas, ele olhou pro chão, a vela quase apagou

Vai, irmão... faz logo o que cê tem que fazer...

Ato III – Getsêmani

Pai... Pai, cê tá me ouvindo?
Os meninos tão dormindo e eu aqui me despedindo

Eu tô com medo, Pai! Eu tô com medo, sim!
Tô suando sangue, olha o que cê fez de mim!

Eu tenho trinta e três anos, eu queria envelhecer
Queria ver o sol nascer mais mil vezes antes de morrer…
Se tem outro jeito, me mostra, pelo amor de Deus!

…mas se não tem… seja feito o teu, não o meu.

Refrão
Eu também sangro, eu também choro
Eu também sinto o frio da noite no couro
Cês me chamam de santo, me chamam de rei
Mas ninguém pergunta o peso que eu carreguei!

Ato IV – A Prisão, Pedro, Herodes e Pilatos

Chegou o bando com tocha e pau, e o Judas veio na frente
Me deu um beijo na cara… beijo frio de serpente
Pedro puxou a espada, cortou a orelha de um soldado
Guarda isso, Pedro! Quem vive na lâmina morre do mesmo lado!

E lá no pátio, perto do fogo, perguntaram pro meu amigo
"Cê não andava com Ele?" "Eu? Nunca vi esse cara comigo!"
Três vezes ele me negou… e o galo cantou no breu
Eu olhei pra ele de longe… e quem chorou foi ele… e também eu

Herodes deu risada: "Faz um truque aí, profeta!
Anda na água da piscina, transforma esse vinho em festa!"

Fiquei calado, fiquei calado, eu não sou bicho de circo!
E o Pilatos lavou a mão… mas a mão dele ficou suja de mim, eu juro!

O mesmo povo que gritou meu nome no domingo de manhã
Na sexta já pedia o meu sangue com o mesmo afã

(Coro) Crucifica! Crucifica! Crucifica!

Ato V – A Cruz (versão final)

Daqui de cima eu vejo tudo, minha mãe no pé da cruz
O céu escureceu no meio da tarde, apagaram a luz
Pai, por que me deixou sozinho logo agora no final?

Perdoa eles, Pai, eles não sabem o tamanho desse mal
Tá consumado, tá consumado

Refrão
Eu também sangrei, eu também chorei
Eu também senti o frio da noite que eu enfrentei
Cês me chamaram de santo, me chamaram de rei
Agora cês sabem o peso que eu carreguei

(Com o coro)
E mesmo assim, e mesmo assim
E mesmo assim eu vou dizer

Refrão final (sobe o tom)
Mesmo assim eu amei todos vocês
Para a vossa eterna salvação
Cada um que me negou, cada um que me feriu
Mesmo assim eu amei todos vocês
Para a vossa eterna salvação

Gran finale
Eterna salvação
Eu amei todos vocês
Para a vossa eterna salvação

Prosas

Há vida nas calçadas

Eu, fumante inveterado e levantador de copo que há muitos anos não andava por aí resolvo fazê-lo e me divirto com isso. É engraçado levantar cedo, tomar banho, se vestir para andar, agasalho, tênis, etc...abrir a porta de casa, escolher o roteiro e rumar.

De cabeça baixa olhando para a primeira calçada vem a minha mente, naquelas pedras encaixadas às pressas e desniveladas a figura do construtor e do operário que a criou... êpa!, um cocôzinho esteticamente arranjado em espiral adorna uma pedra que o acolhe sem resistência.

Fico imaginando o tipo de cão que fez aquilo. Por que a escolha daquela pedra inocente? Ou será que foi um gato ou até mesmo um humano. Como não entendo de merda e nem quero me especializar no assunto faço um ligeiro desvio e me deparo com aquelas lixeiras enormes, porta-seios de detritos humanos que moram nos edifícios, que estreitam a calçada formando um corredor polonês com odores mixados de difícil identificação.

Observo a faixada do prédio e tento visualizar sob a transparência das paredes que dividem os apartamentos os acontecimentos simultâneos daquela hora. As relações entre as pessoas que lá vivem e seus movimentos indicam aos meus olhos vários fotogramas de inúmeros filmes com estórias privadas e algumas até censuradas.

Minha imaginação prossegue, enquanto ando, saio daquele corredor alcançando a esquina da jauaperi com a gaivota. Um pássaro enorme e majestoso com o peito alaranjado aterriza na intersecção das guias que se encontram e se casam formando uma curva. Na busca pelo alimento me despreza e não alça vôo.

Talvez, como as pombas da Sé, tenham acostumado com os andantes matutinos inofensivos, preocupados com o ritmo do andar, a hora e a saúde. Acendo um cigarro, pois a saúde merece um pouco de veneno, senão onde fica o equilíbrio? Deve ser chato ser totalmente saudável, mais que chato... uma doença.

Atravesso a rua e imagino que por debaixo daquele asfalto jazem árvores, insetos, bactérias e animais que ontem ali viviam. Projeto como num filme o cenário que minha imaginação está produzindo. A demolição dos imóveis e do asfalto, o surgimento de uma pequena floresta e o encantamento daquele pássaro com a minha magia.

Como integrar a realidade na ficção? O peito alaranjado tangencia minha cabeça como num sinal de aprovação ou será que ficou assustado com o novo cenário? Passo a borracha no celulóide imaginário e lá estão intocáveis torres de cimento e pedra selando o passado na minha mente.

Agora sobre uma calçada de azulejos, escorregadia, em frente à casa 789, meus pés tentam formar uma triângulo aprumando o equilíbrio. Uma mudança de cena inesperada e chocante. Do cimento e asfalto para o azulejo. Fico imaginando o estereótipo do dono daquela junção de desenhos brilhantes. Talvez aquele instinto animal de demarcação de território, via urina, tenha se manifestado no autor daquela obra. O individualismo é marcante nestas condições. Apenas alguns metros de azulejos marcam o território daquele indivíduo.

Percebo que o cachorro de uma dona que vem em minha direção passa rápido por aquele piso e nem insinua uma mijadinha. Fico frustrado pelo gosto dos cães que não apreciam a beleza do conjunto azulejado. Me parece ter o proprietário daquele mosaico conhecimento dos gostos caninos. Pode ser uma nova técnica de rejeição à merda e urina.

No 801, a calçada é de ardósia, aquela áspera e meia acinzentada. Uma pedra olha pro sul e outra pro leste. O desenho assim composto, deixa a gente um pouco tonto. Desvio o olhar para adiante matando aquela sensação tonta.

A ardósia, coitada, é frágil e com o tempo além de manchada pelos passos tem sua estrutura molecular desfigurada pelas lascas que soltam. Entre o sul e o leste mais uma lasca e uma plantinha teimosa em aparecer surge no meio das pedras sinalizando vida naquele deserto petrificado. Me abaixo, com muito esforço, para observar a isolada teimosinha.

-Caramba! Que você está fazendo aí embaixo no meio destas pedras numa calçada pronta pra ser pisada?

-Não tenho escolha. Pra nascer e viver preciso da luz e água. E vc que tá fazendo aí em cima andando que nem besta?

-Pra viver preciso ter saúde e meu médico prescreveu andanças matutinas.

-Andar? Minha espécie não se locomove e vivemos séculos!

-Mas eu posso te dar uma pisadinha e adeus plantinha.

-Pode pisar que eu renasço.

-Olha que eu piso!

-Experimente, e volte daqui 7 dias que estarei como hoje.

Pronta pra ser pisada.

Adoro desafios, olhei para os lados a procura de cúmplices quando me certifiquei que estava só, esfreguei meu tênis sobre a plantinha e pra ter certeza que ela não renasceria, retirei, com as mãos, todos os vestígio de raiz que haviam no buraquinho.

Levantei-me orgulhoso do feito ou talvez da provocação e continuei minha caminhada. Desta vez, percebi, olhando mais atentamente, que haviam plantinhas por toda parte. Lembrei do jardineiro da minha casa que uma vez por mês retira as ervas-daninha. Se é uma profissão, reconhecida pelos humanos, eu não tinha motivos para ter remorso. Afinal, também tinham as pessoas que as pisoteavam sem saber. Acho que neste caso era pior pois a morte vinha com desprezo. Eu pelo menos conversei e fui provocado. Talvez procure um motivo pra justificar minha atitude. Nesta hora surge uma voz que, desde pequeno me acompanha, invade sem pedir licença e me toma.

-Coitada da planta, você tirou uma vida, volte lá e replante.

A voz é presunçosa, tem a verdade absoluta.

-E o jardineiro? Indago safadamente! Andando, com vontade de voltar.

A voz é vencedora, sei que não vai me deixar.

Devo voltar pra voz ir embora ou pra planta ressuscitar? A caminhada segue tensa, preocupado com o tema, não consigo me concentrar. A paisagem passa, acendo um cigarro pra me acalmar. Vejo um catador de papel com seu veículo movido à força vital. Me chama atenção os dois cães que sobre a caçamba dormem ao balanço do veículo. Penso na ligação afetiva entre os animais e os humanos. Quem é mais animal? O sistema devora , consome e mutila. A sociedade paga pela sua resultante, a miséria. Invejo o amor dos animais.

No 904, uma calçada ajardinada, meio pedra meio grama interrompe meu pensamento e aguça minha visão. Paro por um instante, ninguém é máquina, contemplo o pretexto à minha preguiça. Um sorriso interno aprova a atitude. São pedras falsas destas que o homem tenta domar dando forma às saliências que o tempo veio moldar. Penso no sofrimento daqueles átomos que naturalmente acasalados divorciam-se sob a serra e o esmeril das máquinas. A natureza imitada sobre a ação humana é ridícula e risível. Grama, pedra falsa, grama , pedra falsa e... uma enorme árvore com suas raízes expostas... impede minha passagem. Não entendo nada deste assunto daí não saber distinguir uma Mangueira de uma Jaboticabeira. Mas a árvore é enorme e pelo seu tamanho deve ter uns 100 anos ou mais. Testemunha do tempo, silenciosa e dançante à música do vento, balança suave exalando um perfume mato-concreto num convite a sua alma desvendar. Chego mais perto estendo os braços pra sua energia roubar. Fecho os olhos e sinto dentro dela estar.

São várias portas, sua matrix. Abro a primeira... livros e mais livros sem identificação. Curioso folheio o primeiro: é um pássaro com uma semente no bico e seu nome "Caminho Suave". Deduzo que ele protagonizou a vida da minha hospedeira. Viro a página nuvens e muita água, a matéria-prima, componente vital. Mais uma e um enorme conversor cheio de fórmulas com um sinal de igual e ao seu lado a razão, filtra o ar retirando as impurezas transformando-as em outro componente vital e binário o O2. O binômio da vida Hidrogênio

e Oxigênio. Última página, um triângulo. Em cada vértice uma letra. No de cima a letra "H" e os dois de baixo a letra "O". Estou na fábrica e não é humana. Como a vida é simples dois componentes num triângulo. A simplicidade é mesquinha. Saio e abro a segunda porta. Um projetor, uma tela e uma cadeira de diretor. Nenhum botão nenhuma tomada. Como ligar? Sento, um filme começa a rolar não há letreiros nem sons imagens em preto e branco. O pássaro do livro, reconheço, está a brincar solitário com a semente que insiste seu bico deixar. Cansado das manobras em fim desiste. Sai de cena. Um zoom amplifica a visão daquele grão que no chão vem repousar. A terra em forma de útero faz a semente gozar. "Fecundus et nostruns". Desabraço aquele tronco prevendo onde a imaginação iria me levar. Ela é repetitiva e cáustica. Me conduz me sorve e não para. Dou a volta... vejo a árvore se afastar.

Do outro lado da calçada, já no 1020, uma jovem cigana, sei por causa dos trajes, vem ao meu encontro. Tenho pressentimentos e me incomodam. Tento disfarçar o olhar e andar mais depressa dificultando o seu acesso. Não sei negar. A negação é de difícil aprendizado. Como negar um apêlo ou solicitação humana? Mas nego a mim mesmo, como é fácil! Puro engano, passou por mim sem se quer me notar. Olho o relógio, sete e meia, gente humilde com pressa pro relógio marcar, são como eu, compulsórios no andar. Observo essa gente operária que logo cedo varre e lava a calçada onde a vida vai passar. O trânsito se avoluma, jatos sobre minha cabeça, ruído infernal, foram apenas 30 míseros minutos de paz e agora jaz o silêncio que me seguia. O andar fica mais denso não consigo observar minhas pernas se desentendem na direção do caminhar. Reparo que uma é mais lenta que a outra, como numa competição quem chega por último vence! Adoro esta parte, sinal que devo parar. A transitofrenia inicia... eu jogo a toalha, vencido. Minha andança são descansos sucessivos seguidos por derrotas e vitórias. Como é eterno o descanso!

Olho para o número do prédio, 1201, faço as contas já andei 500 metros sou do 701. Vitória, vitória... paro pra comemorar. O corpo agradece. Faço alguns exercícios respiratórios tragando o cigarro com o nariz vedado pra ver o quanto dele consigo queimar. Suicídio!, penso é o anteprojeto da vida. Aquele que não dá certo. Me engasgo com o sorriso de uma menina com uniforme escolar fita-me curiosa do meu jeito de fumar. Interrompo o exercício com sua voz aguda e estridente:

- Vai se matar! - Andei 500 metros, uma luta vou te contar, não pisei em merda por que sei observar, atravessei caminhos sem ninguém atropelar, construí uma vida e... não é este fumo que vai me levar!!! Sua observação, está sim, ceifa, suga e retira o que me resta do fio vital.

A expressão da garota diante da resposta inesperada e confusa enrubreceu seu rosto jovem tal qual a carne macia de uma melancia. Meu lado cruel e sarcástico geralmente se exibe quando a expressão verbal é insuficiente. A comunicação entre os humanos deveria ser feita

através da poesia, só os sensíveis se comunicariam. Pro resto basta o silêncio.

Depois de um descanso filosófico e merecido dou conta que estou parado em frente a uma casa, 1302, com 4 carros na garagem e um pedinte batendo palmas. Fico ali parado observando, não sei porque, mas a cena é diferente, já que o mendigo está com meia bunda de fora. Insiste nas palmas, e ninguém aparece. Deduzo que a família daquela casa tenha estabelecido com os parentes um código de acesso que o moribundo desconhece.

Só um louco acha-se! Penso no pedaço de louco que há em mim. Talvez a loucura seja relativa. Qual juízo real pode avaliá-la? Quais as suas dimensões, não de medidas mas de abrangência. A loucura é solitária. Nela se revela expondo-se. Talvez seja uma fábrica produzindo desejos que contrariam as especificações do produto. A normalidade é louca e ser é uma loucura. Olhando aquele homem, bunda de fora, percebo a diferença. Que loucura pode haver num louco. A normalidade é apenas uma transparência. A loucura , esta sim é absoluta e real. Tornar-se ser é abominar a normalidade. Deixar fluir lá do fundo todo antônimo que me tornei. Sorver todos os desejos...esvaziá-los. Que imensidão de satisfação há neste estado. Só agora que percebi. Transgredir... aprender é preciso.

Viro a esquina, cheguei, finalmente, naquela rua pequenininha, que há no meu bairro, uma vila, construída pelos ingleses que é um pedaço das casas de liverpool no coração de Moema. São todas iguais, com muitas flores e árvores. Paro, me acomodo num banco de ferro, também herdado de lá. Os telhados ,em bico, aguardam pacientemente, as nevascas que nunca ocorrerão. O arquiteto foi capaz de transferir a cenografia inglesa mas foi incapaz de reproduzir o clima. Que ligação há no homem com sua arquitetura natal? Talvez seja o medo do desconhecido ou um processo cultural nativo. Só sei que ainda vivo, sinto no ar o perfume do diesel porque as máquinas também amanhecem ,dão o ritmo, indicando que devo voltar. Levanto e me espanto com o quanto de vida há nas calçadas!

Texto psicografado em 2009

Psicografia

Capítulo I

A transitofenia

Escrevi a ideia e o rascunho deste texto nos anos 1960, numa redação sobre trânsito que a professora de português pediu. Conto escrito à mão num caderno e terminado em 2026.

O sangue que corre nas veias dos paulistanos continua tão intenso que os glóbulos brancos desistiram da gasolina azul. Agora rodam de carro elétrico por aplicativo, dão cinco estrelas ao motorista e reclamam do trânsito sem tirar os olhos do celular. O progresso acelerou, o endoidecimento também, e o futuro, aquele de que tanto se falava, ficou parado na Marginal, piscando o alerta.

Aumentaram-se as HPs do cérebro, que já não se medem em cavalos, mas em notificações por minuto. É a transitofenia desencadeada, agora em 5G.

Os glóbulos vermelhos, sempre na corrida da loucura, trocaram o Bardahl Top Oil por energético em lata. E o veiaduto haorta, que em outros tempos permitia 150 batidas por hora, foi rebaixado para 50, com radar em cada esquina do peito. Quem passa do limite recebe a multa antes de chegar em casa: vem pelo aplicativo, com foto, data, hora e uma propaganda de seguro.

Os germes dirigentes e orientadores aposentaram o apito. Hoje quem orienta é um algoritmo que manda todo mundo pelo mesmo atalho, e o atalho entope primeiro. Por cima de tudo, as plaquetas-motoboy costuram entre as faixas, levando o almoço de quem não tem tempo de almoçar. Já não há reclusão no intestino depois da feijoada; há a fila do drive-thru. E o sursis virou recurso on-line, indeferido em 48 horas úteis.

As veias continuam as mesmas: estáticas, tortuosas e perigosas. Mudou o calibre do colesterol. São SUVs de duas toneladas levando uma pessoa só, cada uma ocupando o lugar de três glóbulos. Para desentupir, os médicos da cidade receitaram stents de faixa exclusiva, pontes de safena em forma de rodoanel e um rodízio que proíbe o coração de bater às segundas-feiras se a placa terminar em 1 ou 2.

A loucura é a mesma, vinte e quatro horas por dia, nas veias poluídas de um coração velho, sem solução e agora com câmera.

É chegada a hora. Comuta geral, veiadutos artificiais, transveiadômicas: a salvação! Prometeram o carro que dirige sozinho, e ele veio. Dirige sozinho, buzina sozinho e, no congestionamento, também fica parado sozinho.

Os ventrículos se fecham.

O monitor da cidade apita uma linha reta das 18h às 19h, entre a Paulista e a Radial Leste. Os paramédicos não chegam: estão presos no mesmo engarrafamento que tentam socorrer. Na Sé, marco zero do peito, um velho sentado num banco assiste a tudo e sorri. Ele lembra

do tempo em que escreveu, num caderno de folhas amareladas, que isso ia acontecer. Ninguém leu.

Então, por um minuto, um pedestre atravessa fora da faixa, uma bicicleta passa na contramão do óbvio, uma menina desce do ônibus e decide ir a pé. Uma batida. Outra. O coração da cidade volta aos trancos, como quem pega no tranco um fusca velho numa ladeira.

Às 20h acaba o rodízio. Os ventrículos reabrem.

E tudo começa de novo.